



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - MESTRADO

**CRENÇAS MATERNAS SOBRE PRÁTICAS DE CUIDADO PARENTAL E
METAS DE SOCIALIZAÇÃO INFANTIL**

MARCELO RICAR ARUA PIOVANOTTI

ORIENTADOR: Prof. Dr. Mauro Luís Vieira

Área de Concentração

Processos Psicossociais, Saúde e Desenvolvimento Psicológico.

Florianópolis – SC

2007



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA - MESTRADO

MARCELO RICAR ARUA PIOVANOTTI

**CRENÇAS MATEPNAS SOBRE PRÁTICAS DE CUIDADO PARENTAL E
METAS DE SOCIALIZAÇÃO INFANTIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre em Psicologia, elaborada sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Luís Vieira.

Florianópolis – SC

2007

Marcelo Richar Arua Piovanotti

Crenças maternas sobre práticas de cuidado parental e metas de socialização infantil

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 9 de março de 2007.

Dr^a. Andréa Vieira Zanella
(Coordenadora PPGP/CFH/UFSC)

Dr. Mauro Luís Vieira
(PPGP/UFSC – Orientador)

Dr. Rodolfo de Castro Ribas Junior
(UFRJ – Examinador)

Dr. Roberto Moraes Cruz
(PPGP/UFSC – Examinador)

Dr^a. Maria Aparecida Crepaldi
(PPGP/UFSC – Suplente)

À minha esposa e à minha mãe,
por terem trilhado comigo essa jornada

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Mauro Luís Vieira pela confiança, incentivo, oportunidade, generosidade e, principalmente, pela paciência.

À Juliana, minha esposa, companheira, amiga e principal colaboradora desta pesquisa, pela ajuda na coleta de dados, pelas discussões entusiasmadas, pelo interesse no meu trabalho, pela cumplicidade em todos os momentos e pelo amor investido em mim.

À minha mãe pelo estímulo, carinho e atenção, que mesmo sem saber ao certo do que se tratava o mestrado, se dedicou de forma incondicional para que a pesquisa fosse realizada.

Às mães participantes, pela disponibilidade e confiança ao revelarem suas crenças sobre o cuidado parental e o desenvolvimento de seus filhos.

Aos professores da Pós-graduação em Psicologia da UFSC, pela aprendizagem, estímulo e disposição em transmitir seus conhecimentos.

Aos meus colegas de mestrado pela generosidade nos debates e palavras de incentivo.

Ao Instituto do Milênio pela grande oportunidade de fazer parte da história da Psicologia Evolucionista no Brasil

A professora Maria Lúcia Seidl de Moura, por acreditar que tudo daria certo.

Ao Altay, grande Altay, pelas aulas de estatística.

À Ana Paula Kobarg, minha parceira de mestrado, por servir de modelo de dedicação e perseverança.

Aos colegas do NEPeDI, pelo apoio e debates edificantes.

À Alessandra Bonassoli Prado, por ter me aturado no período pré-mestrado, ensinando-me o necessário para realizar as atividades da pós-graduação.

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste trabalho.

Obrigado!

SUMÁRIO

<u>ÍNDICE DE TABELAS</u>	vii
<u>RESUMO</u>	viii
<u>ABSTRACT</u>	ix
<u>1 INTRODUÇÃO</u>	1
<u>2 OBJETIVOS</u>	5
2.1. Geral	5
2.2. Específico	5
<u>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:</u>	6
3.1. A Perspectiva Evolucionista	6
3.2. A Perspectiva Evolucionista para a Compreensão do Cuidado Parental	12
3.3. Crenças Parentais	16
<u>4 MÉTODO</u>	19
4.1 Delineamento da pesquisa	19
4.2 Participantes	19
4.3. Instrumentos de coleta de dados	20
4.3.1. <i>Dados Sociodemográficos</i>	20
4.3.2. <i>Entrevista semi-estruturada</i>	22
4.3.3. <i>Questionário de crenças sobre práticas parentais</i>	25
4.4 Procedimento	28
4.5 Análise dos dados	29
4.5.1. <i>Metas e estratégias parentais de socialização</i>	30
4.5.2. <i>Questionário de práticas de cuidado parental valorizadas</i>	31
<u>5 RESULTADOS</u>	33
5.1 Caracterização sociodemográfica	33
5.2 Metas de socialização infantil	34
5.3 Crenças sobre práticas de cuidado parental	39
5.4 Relação entre Metas de socialização infantil e crenças sobre práticas de cuidado parental	43
<u>6 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO</u>	45
<u>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	52
<u>8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	54
<u>ANEXOS</u>	62

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1:	Escala de nível educacional de sete pontos de <i>Hollingshead</i> .	21
Tabela 2:	Distribuição das participantes segundo a faixa etária.	33
Tabela 3:	Distribuição das participantes segundo o nível de escolaridade.	33
Tabela 4:	Distribuição total e percentual da amostra segundo as variáveis sociodemográficas situação conjugal, sexo da criança e faixa etária da criança.	34
Tabela 5:	Número absoluto e percentual de mães que mencionaram pelo menos uma qualidade referente às categorias de análise.	35
Tabela 6:	Comparação entre a média de respostas para cada categoria de metas de socialização infantil.	36
Tabela 7:	Distribuição total e percentual das respostas para cada subcategoria e categoria de metas de socialização infantil.	38
Tabela 8:	Distribuição total e percentual de respostas segundo as categorias <i>sociocêntrica</i> e <i>individualista</i> .	39
Tabela 9:	Correlação entre os fatores acumulados do questionário sobre práticas de cuidado parental valorizadas.	40
Tabela 10:	Média de respostas das mães, codificadas entre os fatores do questionário sobre práticas valorizadas, com base nos critérios sociodemográficos.	41
Tabela 11:	Médias e desvio padrão nos itens avaliados como mais e menos importantes para os quatro fatores de análise do questionário sobre práticas parentais.	42
Tabela 12:	Correlação entre as metas de socialização infantil e as práticas de cuidado parental valorizadas.	43

PIOVANOTTI, M. R. A. **Crenças maternas sobre práticas de cuidado parental e metas de socialização infantil**, 2007, 69 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Dr. Prof. Mauro Luís Vieira

Defesa: 09 de março de 2007.

RESUMO

O cuidado parental engloba fatores complexos da história evolutiva da espécie humana. Dentre eles está o sistema de crenças parentais. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou contribuir com o estudo das metas de socialização infantil e crenças sobre práticas de cuidado parental, entre mães brasileiras. Participaram 50 mães, de Florianópolis, maiores de 18 anos, com um filho(a) de 0 a 3 anos. Para a coleta de dados foram utilizados um questionário socioeconômico, uma entrevista semi-estruturada e uma escala de crenças sobre práticas parentais. A análise dos dados mostrou que, apesar da diferença de escolaridade entre as participantes, não houve diferença significativa entre as metas de socialização infantil. Por outro lado, a escolaridade da mãe está relacionada com a valorização de práticas de cuidado parental. Esses resultados estão de acordo com a psicologia evolucionista do desenvolvimento. Nesta perspectiva, o comportamento parental se assemelha entre as diferentes culturas na sua função, devido a sua adaptabilidade em termos evolucionistas, enquanto varia na forma, em virtude das particularidades do contexto no qual se manifestam. A partir dos dados coletados, reforçamos a hipótese de que as metas, traduzidas como aquilo que a sociedade estabelece ser o desenvolvimento adequado de uma criança, são compartilhados, enquanto as crenças sobre a forma de alcançar esses objetivos dependem do contexto de representações do grupo social. É justamente nesse sistema multidimensional de metas de socialização e crenças sobre práticas de cuidado, no qual a escolaridade parece ter um papel específico de atuação, que as mães estabelecem a dinâmica relacional com suas crianças, tendo a tarefa de decidir o melhor caminho para garantir o desenvolvimento satisfatório de seus descendentes.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil, Psicologia evolucionista, Etnoteorias parentais.

PIOVANOTTI, M. R. A. **Crenças maternas sobre práticas de cuidado parental e metas de socialização infantil**, 2007, 69 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Dr. Prof. Mauro Luís Vieira

Defesa: 09 de março de 2007.

ABSTRACT

The parental care evolves some complex factors of the humans being evolutionary history. Amongst them, it is the parental beliefs system. This research sought to contribute with the study of parent's socializations goals and the brazilian mothers' beliefs about practices of parental care. 50 mothers over 18-years old and having only one child between 0 and 3-years old had participated, all of them from Florianópolis. For the data acquisition it was applied a socioeconomic questionnaire, a semi structured interview and a scale of beliefs on parental practices. The analysis of the data showed that despite the difference of scholarity amongst the participants, there was no significant difference on their socialization goals for the children. In the other hand, the mothers' scholarity is related to the valorization of parental care practices. This study is on conformity with the evolutionary psychology of development. In this perspective, the parental behaviour is similar in different cultures on its function, because its adaptability in evolutionary terms, meanwhile varying on its expression based on particularities of the mothers context. The collected data reinforces the idea based on goals meaning that the culture establishes the way it should be the development of a child, it's shared by the mothers, meanwhile the mothers beliefs of how to achieve those goals rely on their social context. It is on this multidimensional system of socialization goals and beliefs of parental practices, on which the scholarity has a specific role, that the mothers establish a relational dynamic with their child, having the responsibility to decide which is the best way to guarantee a satisfactory development of their descendents.

Keywords: Child development, Evolutionary Psychology, Parental ethnotheories.

1 INTRODUÇÃO

Os psicólogos do desenvolvimento interessam-se em estudar os diferentes aspectos do funcionamento humano durante o ciclo de vida. Um desses aspectos é justamente a participação dos cuidadores nas diferentes etapas do desenvolvimento infantil. De todos os mamíferos, os seres humanos são os que precisam do período mais longo de maturação e aprendizado antes de se tornarem auto-suficientes. O período prolongado de imaturidade e dependência resulta em implicações no modo como as pessoas vivem. Por ser dependente e imatura em seu estágio inicial, a criança necessita de cuidados e da presença de adultos que forneçam as condições de sobrevivência.

Nesse sentido, o papel dos pais é fundamental. Diferentes teorias procuram investigar a natureza do comportamento dos cuidadores e os possíveis efeitos que possam ter sobre as esferas cognitiva, emocional e social da criança. Para os autores da abordagem evolucionista, a função central do cuidado parental e da família humana é promover um contexto propício para o desenvolvimento de habilidades sociais complexas e, conseqüentemente, a transformação da criança em um adulto capaz de enfrentar as adversidades da fase adulta (Davis & Daly; 1997; Geary & Flinn, 2001). O comportamento parental e o grau de desenvolvimento dos filhos evoluíram simultaneamente, e os progenitores buscam adequar o esforço na criação de seus descendentes de acordo com condições ecológicas presentes (Trivers, 1972; Clutton-Brock, 1991).

O comportamento parental configura-se, portanto, na relação que os cuidadores, dotados de uma bagagem de representações e crenças, estabelecem com a criança e com o ambiente em que o núcleo familiar está inserido. Segundo Seidl de Moura e Ribas (2004), o ambiente de cuidados na interação familiar envolve, além dos recursos físicos,

aquilo que os pais pensam e fazem para garantir a sobrevivência e o desenvolvimento satisfatório da criança, ou seja, dentre os fatores ambientais determinantes do cuidado parental, está o sistema de crenças parentais.

Segundo Harkness e Super (1996), o sistema de crenças dos pais, também chamado de etnoteorias parentais, corresponde ao conjunto de idéias organizadas culturalmente a respeito da criança e de seus comportamentos, sobre a melhor forma educá-la e sobre o desenvolvimento infantil propriamente dito. Tais formas de pensar são desenvolvidas no contexto cultural, num lugar e momento histórico específicos e estão relacionadas aos diferentes aspectos da infância, como por exemplo, as metas de socialização infantil, o conjunto de práticas valorizadas e os critérios para avaliar o comportamento das crianças, formando, assim, um dos componentes do ambiente de desenvolvimento ao qual a criança é submetida desde a concepção até a vida adulta. Ou seja, as crenças estão ancoradas em um esquema que inclui a dimensão afetiva da interação com as crianças, as expectativas em relação ao futuro dos filhos e os valores culturais, que agrupados, guiam o comportamento dos pais (Sigel e Kim, 1996).

Com o objetivo de estudar o repertório comportamental dos progenitores em território nacional, considerando-o como um dos contextos de desenvolvimento humano, surgiu a iniciativa de formação de um grupo de pesquisa, ao qual a presente pesquisa está vinculada, reunindo diversos núcleos de universidades brasileiras. Participaram desta iniciativa pesquisadores das Universidades Federais da Bahia, Pará, Paraíba, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, da Universidade Católica Don Bosco do Mato Grosso do Sul, e da Universidade Estadual do Rio Janeiro, onde está localizada a coordenação geral do projeto nacional, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Seidl de Moura.

O projeto do grupo nacional é intitulado “Metas de socialização e valorização de práticas: mães primíparas de sete capitais brasileiras”; que teve como alguns dos objetivos principais investigar as expectativas e metas dos pais em relação a seus filhos, as crenças sobre como essas metas podem ser atingidas, qual o papel do cuidador nesse processo e a relação dessas crenças com a valorização de práticas de cuidado parental.

O grupo surgiu com a proposta de analisar múltiplos aspectos do desenvolvimento humano no âmbito do comportamento, da interação entre pares e das crenças e representações. Adota uma perspectiva transcultural e utiliza o modelo ecológico de nichos de desenvolvimento (Harkness & Super, 1994, 1996; Harkness, Super, Axia, Eliaz, Palácios, & Welles-Nyström, 2001) como base para as suas análises. O modelo de nichos de desenvolvimento inclui três subsistemas que se relacionam dinamicamente: o ambiente físico e social onde a criança vive; os costumes relacionados ao cuidado parental; e a psicologia dos cuidadores, sendo que este último se refere ao *sistema de crenças parentais*, ou *etnoteorias parentais*.

De acordo com o levantamento realizado pela coordenação nacional do projeto, a investigação dessas dimensões do desenvolvimento humano ainda era carente no Brasil até o final do séc. XX (Ribas; Seidl de Moura, Ribas, 2003). Em geral, dava-se ênfase a estudos com grupos anglo-saxões (europeu-americanos), em comparação a latinos falantes de castelhano (Miller & Harwood, 2001; Leyendecker, Harwood, Lamb & Sholmerich, 2002). Dentro desses estudos, algumas tendências foram observadas. Mães anglo-saxãs atribuem ênfase a metas individualistas, relacionadas ao auto-aperfeiçoamento e à independência do indivíduo; enquanto as mães latinas tendem a valorizar as qualidades que indicam o bom comportamento da criança durante o seu desenvolvimento e o estabelecimento de uma rede social de apoio na qual poderá obter ajuda, caso necessário. Outras evidências mostram que essas tendências também estão

relacionadas a variáveis sociodemográficas, como por exemplo, o nível de escolaridade dos pais (Suizzo, 2002; Cheah & Rubin, 2003).

Nesse sentido, um estudo brasileiro nessas proporções se justifica porque: a) a tendência principal de mães brasileiras em suas expectativas sobre os principais comportamentos da criança ainda não é bem conhecida; b) algumas generalizações sobre culturas latinas podem estar equivocadas, tendo em vista que grupos culturais brasileiros, entre outros, não foram amplamente estudados; c) falta clareza a respeito do efeito das variáveis sociodemográficas sobre as metas de socialização e as práticas de cuidado parental; e d) é necessário conhecer aspectos do nicho de desenvolvimento de crianças brasileiras que auxiliem o trabalho de pesquisadores e profissionais de saúde.

A participação em estudos de âmbito nacional, com troca de experiências entre os núcleos de diferentes localidades do país, mostra-se importante em virtude da possibilidade de estudar o comportamento parental em diferentes contextos da realidade brasileira e por se mostrar rica na produção de conhecimento. Segundo Prado (2004), só é possível compreender os diferentes aspectos do desenvolvimento humano, nos diferentes contextos em que ele ocorre, mediante iniciativas realizadas por meio de instrumentos compartilhados entre grupos de pesquisa. Pesquisas dessa amplitude fornecem informações que colaboram com o desenvolvimento científico, e poderão ser usadas para o benefício das famílias brasileiras em projetos de prevenção e promoção da saúde, educação e área social.

Considerando o exposto, a presente pesquisa busca contribuir com o estudo sistemático de metas de socialização infantil e práticas de cuidado parental de mães brasileiras, investigando:

Qual a relação entre metas de socialização infantil e práticas de cuidado parental valorizadas entre mães primíparas?

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Descrever a relação entre metas de socialização infantil e práticas de cuidado parental valorizadas entre mães primíparas.

2.2 Específico

- ✱ Caracterizar as metas de socialização das mães;
- ✱ Identificar as diferentes valorizações das práticas parentais;
- ✱ Caracterizar as práticas de cuidado parental valorizadas pelas mães;
- ✱ Descrever as características sociodemográficas da amostra;
- ✱ Descrever a relação entre características sociodemográficas e as metas de socialização das mães;
- ✱ Descrever a relação entre características sociodemográficas e as práticas de cuidado parental valorizadas pelas mães.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A Perspectiva Evolucionista

A perspectiva evolucionista refere-se à aplicação dos princípios da evolução das espécies para explicar as estruturas físicas e os processos comportamentais predominantes na natureza (Siegert & Ward, 2002). Segundo Gould (1997), a noção fundamental da evolução se refere à idéia de que os seres vivos mudam com o tempo em virtude de novas pressões ambientais, não se tornando necessariamente superiores, mas melhor adaptados às condições ambientais. Darwin descreveu no seu livro “A Origem das Espécies” (1859, 1995), o mecanismo para mudança de padrões comportamentais e de estruturas físicas, que foi chamado de “seleção natural”. A lógica em torno desse conceito, provém da compreensão dos problemas adaptativos que os indivíduos enfrentaram durante a história evolutiva das espécies.

O processo de seleção natural resulta na sobrevivência dos organismos melhor adaptados ao seu ambiente. Os organismos que alcançam a idade reprodutiva tendem a transmitir as características que lhes possibilitaram sobreviver. Além disso, os descendentes mostrarão variações em relação aos seus genitores, e entre si. As diferenças individuais são entendidas como uma transição entre múltiplos níveis de organização endógenos e exógenos, para cada indivíduo (Bjorklund & Bering, 2002). Aqueles que agruparem o maior número de características bem adaptadas terão vantagem na disputa por acesso aos recursos do meio, e essas características serão repassadas para as novas gerações.

De modo geral, a idéia de Darwin tem contribuído para o desenvolvimento da Psicologia, tanto em termos do objeto de estudo, quanto do objetivo da psicologia. Os psicólogos passaram a direcionar seu interesse também para a funcionalidade dos comportamentos e dos processos mentais, voltando-se para o entendimento do

funcionamento do organismo em sua adaptação ao ambiente (Schultz & Schultz, 1981). A teoria da evolução possibilitou a constatação da conexão existente no funcionamento mental entre os seres humanos e outras espécies, tanto em termos do comportamento manifesto quanto na estrutura dos processos mentais, abrindo a possibilidade do estudo do comportamento por meio da utilização de animais. Já que o cérebro humano havia sido construída no processo evolutivo da história do planeta, provavelmente haveria semelhanças de funcionamento entre os seres vivos. Nesse sentido, a total separação entre animais e homens proposta pela filosofia começa a ser duramente questionada, e o estudo do comportamento animal pôde então ser utilizado para a compreensão do comportamento humano. Surgem assim, as bases para novos campos do conhecimento, como a Etologia¹.

Da mesma forma, também ocorreram mudanças nas tendências metodológicas na pesquisa do comportamento, a partir da teoria da evolução.

Seguindo o exemplo de Darwin, os psicólogos que tinham sido influenciados pela teoria da evolução e por sua ênfase nas funções da consciência tornaram-se mais ecléticos no tocante a métodos de pesquisa. Como resultado, ampliaram-se os tipos de dados reunidos. (Schultz & Schultz, 1981, p. 131).

Contudo, apesar de Darwin ter apresentado um profundo interesse pelo comportamento e ter explorado diversos tópicos sobre a função adaptativa das respostas do organismo na sua interação com o meio, principalmente em sua obra “A expressão das emoções no homem e nos animais”, publicada em 1872, na sua época não emergiu um campo distinto de estudo científico que assumisse os pressupostos da teoria da evolução para compreensão do comportamento. Foi com os estudos de Lorenz e

¹ Disciplina dedicada ao estudo do comportamento animal e humano enquanto funções de um sistema (Lorenz, 1973). O termo Etologia provém do grego êthos (conduta, costumes, comportamento) e lógos (estudo, tratado). A Etologia é uma combinação de estudos de laboratório e de campo com um forte caráter interdisciplinar, combinando conhecimentos de neuroanatomia, ecologia e evolução.

Timbergen, e com a construção da disciplina Etologia, que se passou a investigar a interação entre aspectos filogenéticos e ontogenéticos no comportamento (Alcock, 1998). Nas palavras de Lorenz:

A etologia trata do comportamento animal e humano enquanto funções de um sistema. A existência desse sistema e sua forma são produtos do desenvolvimento histórico que teve lugar na filogênese e ontogênese e que, para o homem, se desenvolveu também na história da cultura (Lorenz, 1973, p. 13).

Segundo Vieira e Prado (2004), a filogênese diz respeito às características que a espécie traz como resultado do processo evolutivo, enquanto a ontogênese se refere ao que o indivíduo desenvolve durante a sua história de vida. Os aspectos filogenéticos consistem em predisposições biológicas, presentes no organismo (sensibilidade diferencial aos estímulos, tendências motivacionais específicas, períodos sensíveis e pré-organização de processos de aprendizagem), que surgiram em um determinado momento da história evolutiva e serviram para a melhor adaptação do organismo ao ambiente e, por esse motivo, se mantiveram dentro do repertório comportamental da espécie. Por outro lado, os aspectos ontogenéticos são fatores imediatos que modulam as respostas comportamentais (estímulos fisiológicos, condições ambientais atuais, período sócio-histórico e estados psicológicos), que fazem parte do desenvolvimento do indivíduo desde a concepção até a sua morte.

No estudo dos seres humanos, a psicologia evolucionista investiga aspectos presentes em diferentes culturas e utiliza o método comparativo entre espécies para entender quais variáveis interferem na apresentação de um determinado comportamento (Vieira, 2000). Assim, faz referência tanto às predisposições biológicas quanto às características do comportamento humano nos seus mais diversos contextos. Preocupa-se em considerar os aspectos individuais e ambientais, objetivando compreender a

interação entre os fatores característicos da espécie humana e as experiências pessoais vividas no contexto social.

Contudo, as descobertas e explicações com base nesta perspectiva perturbam os ânimos de algumas vertentes religiosas e de alguns cientistas do comportamento. Em virtude disso, certas ressalvas necessariamente devem ser feitas, principalmente quando se fala sobre predisposições biológicas do comportamento. A principal ressalva é que os comportamentos não ocorrem independentes do meio em que o organismo está inserido. Os conceitos precisam estar claros para o entendimento de que toda predisposição comportamental deve estar contextualizada para que o seu efeito possa ser analisado. Outro ponto a ser ressaltado é que as teorizações e descobertas da psicologia evolucionista não justificam ou autorizam a discriminação baseada em diferenças de sexo ou origem étnica; e nem servem de desculpa para comportamentos considerados inadequados socialmente, como a infidelidade matrimonial ou agressividade masculina.

Uma das possíveis causas dessa confusão nos pesquisadores e líderes religiosos é a impressão de que quando se fala em predisposições comportamentais estaria se falando sobre características inatas da condição humana, não afetadas pela experiência. Tal entendimento da teoria é totalmente inadequado, tendo em vista que a psicologia evolucionista é uma ciência interacionista por excelência. Segundo Carvalho (2000), os genes não operam sem ambiente e ambientes não operam sem genes que selecionem sua ação e os qualifiquem.

O outro possível causador desse desconforto diante da teoria evolucionista é a idéia que a seleção de um comportamento que se mostrou funcional na resolução dos problemas adaptativos representaria algum objetivo do comportamento de preservar a espécie, como se estivesse registrado no núcleo das células a intencionalidade biológica de passar às futuras gerações a sua carga genética, sendo esse o único e principal

motivador do comportamento. Num primeiro momento, poder-se-ia pensar que essa argumentação estaria correta e que realmente corresponde às idéias da perspectiva evolucionista. Contudo, essa formulação é um erro de interpretação dos princípios básicos da teoria. A perspectiva evolucionista ao trabalhar com a funcionalidade dos comportamentos no ambiente em que são manifestados, em nenhum momento trabalha com a sua intencionalidade. Torna-se inadequado falar em objetivos ou intenções, quando o que está em cena são os resultados, os efeitos e as funções das características físicas e comportamentais de uma determinada espécie, ao responder às pressões e necessidades geradas pelo meio em que está inserida.

Um exemplo simples, presente inclusive em diferentes livros didáticos utilizados nas escolas, e que ilustra com clareza essa condição da adaptação ambiental é o fenômeno melanismo industrial² em populações da mariposa *Biston betularia* da Inglaterra, na época da revolução industrial. Antes do advento das indústrias, a população dessa espécie de mariposas era predominantemente de coloração clara, sendo raros os espécimes de coloração escura. A explicação para essa condição está na relação de características físicas e comportamentais das mariposas com o ambiente em que viviam. As árvores dessa floresta tinham como característica o tronco de coloração clara, assim, à medida que as mariposas pousavam nos troncos para se alimentar, as brancas ficavam camufladas, enquanto as escuras se destacavam, devido ao contraste de cores. Diante dessa situação as mariposas escuras eram presas fáceis para os predadores; justificando, portanto, a superioridade populacional das mariposas claras, que alcançam à fase reprodutiva com mais facilidade do que as outras.

No entanto, em determinado momento da história da Inglaterra, as indústrias começaram a surgir e a se espalhar. A fuligem liberada pelas chaminés resultou no

² e.g. Kettlewell, H.B.D., 1973, Industrial melanism. Oxford University Press, U.K.

escurecimento do tronco das árvores. Diante dessa nova condição ambiental, as mariposas escuras passaram a ficar camufladas, enquanto as claras se destacavam. Aproximadamente cinquenta anos depois da chegada das primeiras indústrias, a população de mariposas escuras aumentou significativamente, assumindo a maioria populacional.

Esse exemplo mostra como uma característica física das mariposas (coloração) foi funcional para a preservação da espécie, por mostrar-se adaptada ao ambiente em que estava inserida. A eficiência da característica da mariposa dependia exclusivamente da adequação às características da região (coloração das árvores, presença de predadores e da indústria). Nesse sentido, a preservação da espécie é um produto, um resultado, uma consequência da interação das características do organismo com o ambiente em que ele vive. Portanto, a argumentação sobre a intencionalidade de preservação da espécie mostra-se inadequada.

No caso dos seres humanos, podemos tomar como exemplo os padrões de comportamento parental. Os indivíduos que em algum momento da história evolutiva da espécie humana manifestaram comportamentos de cuidado aos seus filhos aumentaram em muito a probabilidade que seus descendentes alcançassem à idade reprodutiva, e, conseqüentemente, pudessem se reproduzir e manter a espécie. Aqueles que não manifestaram esse padrão, não deixaram representantes para marcarem a história. Assim, fica evidenciada, mais uma vez, a funcionalidade do comportamento, sem objetivos divinos, ou intencionalidades românticas da mãe natureza de preservar a vida. O que ocorre, de acordo com a argumentação evolucionista, é uma adaptação eficiente ao meio em que se vive, o que possibilita a continuidade de uma espécie. A moderna perspectiva evolucionista adota um ponto de vista explicitamente interacionista (Vieira e Prado, 2004), ou seja, deixa-se de lado a noção de determinismo biológico e

ambiental, e passa-se a encarar o desenvolvimento individual como um fenômeno probabilístico, uma vez que as predisposições genéticas só têm relevância, se analisadas na interação com as condições ambientais (Bjorklund e Pellegrini, 2000).

Em resumo, pode-se dizer que a Psicologia Evolucionista entende o comportamento humano como funções de um sistema. A existência desse sistema e sua forma são produtos do desenvolvimento histórico que teve lugar na filogênese e ontogênese, e que se desenvolveu na história da cultura (Lorenz, 1995). A aquisição de padrões comportamentais de uma espécie ocorre mediante um processo que envolve a interação entre características do indivíduo e do ambiente (físico e cultural), que por sua funcionalidade durante muitas gerações, resultam em prevalência dentro da espécie.

Em termos metodológicos, os pressupostos e a concepção de método presentes nesta perspectiva a configuram como uma ciência de caráter funcionalista, de base empírica, que tem como concepção de homem um ser determinado pela interação entre as dimensões biológica e cultural, e utiliza a verificação e experimentação para construção do conhecimento.

3.2 A Perspectiva Evolucionista para a Compreensão do Cuidado Parental

Para que a interação dos pais com sua criança se configure enquanto cuidado parental deve ter como efeito aumentar a probabilidade de sobrevivência de seus descendentes. Esse processo tem início no momento da fertilização, sendo seqüência do comportamento reprodutivo, continua na gestação, segue com o nascimento, e modifica-se ao longo do desenvolvimento de acordo com as necessidades particulares de cada período e com o contexto relacional em que a família está inserida (Brown, 1998; Tokumaru, 1998).

A teoria evolucionista sugere que práticas de cuidado e o grau de desenvolvimento da prole evoluíram simultaneamente (Vieira e Prado, 2004). A forma de cuidado que os progenitores assumem para garantir a sobrevivência e desenvolvimento de seus filhos acarreta em custos que precisam ser avaliados pelos cuidadores. O nível de desenvolvimento da prole ao nascer e o quanto será exigido de investimento dos progenitores durante o estágio inicial é uma relação complexa que foi analisada e discutida por Trivers (1972), em sua teoria do investimento parental. O sucesso evolutivo de um indivíduo não depende somente de suas habilidades de sobrevivência ou reprodução, mas também da produção de descendentes que cheguem à vida adulta e se reproduzam.

A teoria do investimento parental se refere ao desenvolvimento de estratégias para maximizar esse sucesso, e isso, necessariamente, envolve o quanto os genitores investirão na criação de seus descendentes. Para que ocorra o sucesso reprodutivo deve existir um equilíbrio entre investimento dos genitores e estado inicial de desenvolvimento (Trivers, 1972; Bjorklund, 1997; Marlowe, 2000; Hrdy, 2001). Assim sendo, dependendo das características dos descendentes ao nascer e das condições ecológicas presentes, o quanto é investido irá variar entre espécies.

Segundo Rosenblatt (1992), os mamíferos podem ser classificados como *altriciais* ou *precoces*, em função do grau de desenvolvimento dos filhotes no momento do parto e que demandam estratégias diferentes de cuidados parentais. As espécies em que o período de gestação é curto e o filhote nasce bastante prematuro, com o sistema termo-regulador e sensorial pouco desenvolvido, sendo incapaz de se alimentar de forma autônoma, são chamadas de *altriciais*, e incluem roedores, primatas e marsupiais. Nesse caso, os cuidados parentais são indispensáveis para a sobrevivência dos filhotes. Por outro lado, espécies em que o período de gestação é longo; os filhotes nascem com

a visão, audição e o sistema termo-regulador e motor bem desenvolvidos (e.g. equinos, bovinos), chamados de *precoces*. Nessas, os cuidados parentais são importantes, embora com menor custo (Gould, 1999).

No entanto, existem espécies que não se enquadram em nenhum dos padrões anteriormente citados. O período de gestação é longo e o recém-nascido apresenta habilidades que permitem independência para executar algumas tarefas, porém, depende do adulto em outras situações essenciais para sua sobrevivência. Entre estes se enquadram os seres humanos, que apresentam características “precoces” de desenvolvimento como vida longa, cérebro grande e prole pequena, mas são bastante indefesos ao nascerem. O cuidado parental neste caso é intenso durante os primeiros anos de vida, pois o bebê necessita de alguém que o proteja contra pressões ambientais e lhe forneça alimentação. O longo período de imaturidade e dependência, não se apresenta somente nas características do recém nascido. O ser humano leva um longo período para atingir a maturidade reprodutiva, e dentre os animais é o que passa mais tempo sob os cuidados dos pais, demandando um alto investimento de seus progenitores (Bjorklund, 1997).

Nesse sentido, a perspectiva evolucionista considera o período prolongado de imaturidade e dependência como um dos aspectos estruturantes do desenvolvimento humano (Gould, 1999; Geary & Flinn, 2001; Hrdy, 2001; Seidl de Moura & Ribas, 2004). O cuidado parental e a formação da família são traços da co-evolução de diferentes características humanas e possuem implicações importantes no modo como as pessoas vivem e interagem enquanto espécie (Geary & Flinn, 2001). O fato do desenvolvimento humano ser lento e a conseqüente dependência física e psicológica da criança ao nascer, exigem a presença de um adulto que forneça as condições necessárias

de sobrevivência, o que é geralmente propiciado pelo grupo familiar, nas suas diferentes configurações.

Para os autores que assumem a perspectiva evolucionista, uma das funções do cuidado parental é promover aos descendentes um contexto propício para o desenvolvimento de habilidades sociais complexas (Davis & Daly; 1997; Geary & Flinn, 2001). Essas habilidades envolvem características comportamentais que correspondem a melhor forma de se relacionar com os demais membros do grupo social. Em última análise, configuram uma estratégia para superar um dos problemas sociais que a espécie humana tem enfrentado durante a sua história evolutiva: estabelecer relações cooperativas com outros membros do grupo e negociar hierarquias (Buss, 1991, Bjorklund & Pellegrini, 1997, 2000; Geary & Flinn, 2001). Nesse sentido, a preocupação dos progenitores com o desenvolvimento de diferentes habilidades individuais dos filhos e conseqüentes formas de socialização envolvem, de forma direta ou indireta, dois aspectos: a cooperação e a competição.

Esses pontos refletem questões que dizem respeito ao modo como os indivíduos são percebidos em relação ao grupo que fazem parte. Dependendo do contexto interpessoal em que surgem, esses aspectos podem resultar em padrões culturais distintos, mesmo co-habitando dentro de uma comunidade. Dessa forma, fica claro que, além dos fatores descritos anteriormente, para uma compreensão mais completa do comportamento parental é necessário compreender as representações culturais sobre o desenvolvimento infantil dentro de um determinado momento histórico, uma vez que correspondem a aspectos ontogenéticos da expressão do comportamento parental. Afinal, as variações culturais e individuais nos modelos da dinâmica de cuidado parental e na formação da família são consideradas como respostas fenotípicas para diferentes condições históricas e ecológicas (Geary & Flinn; 2001).

O componente biológico do investimento parental apenas pode ser compreendido se contextualizado, ao mesmo tempo em que a construção cultural sobre as formas de investir nos filhos é melhor entendida quando relacionada à pré-disposição humana de se organizar em grupos, para suprir as necessidades de cuidado, alimentação e proteção.

3.3 Crenças Parentais

A partir das últimas décadas do séc. XX, o sistema de crenças parentais tem atraído a atenção de pesquisadores do desenvolvimento humano (Sigel, MacGillicuddy-Delisi e Goodnow, 1992). No capítulo de introdução do livro *Parent's cultural belief systems: their origins, expressions and consequences* (1996), Sara Harkness e Charles Super definem o *Sistema de Crenças Parentais*, ou *Etnoteorias Parentais*, como um conjunto de idéias significativamente compartilhado entre os membros de uma comunidade, que tem a função de organizar a compreensão a respeito da natureza das crianças, da estrutura do desenvolvimento infantil e dos significados dos comportamentos infantis. Os padrões e valores culturais constituem um componente essencial do ambiente no qual os pais criam seus filhos, e se manifestam tanto nos comportamentos e costumes da interação social, quanto nas representações, metas e crenças parentais (Cole, 1996; Valsiner & Litvinovic, 1996; Suizzo, 2002).

As crenças parentais têm o papel de direcionar as escolhas sobre o tipo de criação a ser dada aos filhos, mediante valores e padrões culturais transmitidos no contexto social (Miller & Harwood, 2001; Leyendecker et al., 2002; Suizzo, 2002). Relacionam-se, também, com a forma de entender outros aspectos do cotidiano familiar, incluindo o significado do papel dos pais, o conceito de família e a percepção de *self*.

Segundo Seidl de Moura e colaboradores (2004), revisões recentes da literatura (Ribas, 2004; Sigel & McGillicuddy-De Lisi, 2002) tem revelado que existem controvérsias sobre a melhor forma de definir o *sistema de crenças parentais*. No entanto, existe um certo consenso de que as crenças atuam como mediadores da dinâmica familiar, influenciando práticas de cuidado parental, o que acaba tendo efeitos sobre o comportamento das crianças e o desenvolvimento infantil (Ribas, Seidl de Moura & Bornstein, 2003).

Dentro dessa perspectiva, a relevância dos fatores históricos, culturais e sociais é discutida com base no modelo ecológico de nichos de desenvolvimento (Harkness & Super, 1992, 1994, 1996; Harkness, Super, Axia, Eliaz, Palácios & Welles-Nyström, 2001). O conceito de nicho de desenvolvimento se refere a uma estrutura teórica para compreender a regulação cultural do micro-ambiente da criança, e incrementa a noção de nicho ecológico. O modelo elaborado propõe que o nicho onde se processa o desenvolvimento infantil tem como eixo central a casa da família (cuidadores diretos), que se configura como um sistema composto por três subsistemas, dinamicamente relacionados: o ambiente físico e social onde a criança vive; os costumes estabelecidos cultural e historicamente, relacionados aos cuidados e a criação das crianças; e a psicologia dos cuidadores. Este último consiste no conjunto de metas e expectativas dos pais, as crenças sobre a criança e suas necessidades, e as idéias compartilhadas sobre a melhor forma de educar uma criança.

Nesse sentido, as etnoteorias parentais se configuram como modelos culturais ou um conjunto organizado de idéias para compreender a criança e o seu processo de desenvolvimento. Para Harkness e Super (1992), as etnoteorias estão implícitas na experiência diária que os pais têm com seus filhos e têm origem nos padrões culturais compartilhados na comunidade ou grupo de referência, na estrutura sócio-econômica e

na história da vida dos pais. Os autores argumentam que sobre esta estrutura os pais tomam as decisões sobre como socializar sua criança. O grau em que valorizam e estimulam os filhos está implícito no que eles estabelecem como sendo relevante para o seu comportamento e desenvolvimento, ou seja, as metas de socialização infantil. As metas de socialização são definidas como valores e expectativas que envolvem modos desejáveis de conduta ou estados finais de existência (Rokeach, 1973).

Os modelos culturais de cuidado parental são estabelecidos em uma variedade de domínios e dimensões, bem como, por meio das estratégias que os pais utilizam para organizar o ambiente e promover diferentes oportunidades de estimulação (Suizzo, 2002). As crenças parentais e as metas de socialização estão interligadas, e são culturalmente influenciadas, uma vez que representam valores e padrões culturais reforçados no grupo social do qual fazem parte. Para que uma meta seja estabelecida, o progenitor deve realizar constantes avaliações sobre a criança. Segundo Seidl de Moura et al. (2004) as crenças, por serem parte da psicologia dos cuidadores, afetarão as práticas de cuidado (e vice-versa), e por sua vez, as práticas e crenças serão transformadas pelo ambiente físico e social. Nessa dinâmica complexa que se estrutura o desenvolvimento infantil.

A partir de uma perspectiva interacionista e do modelo de nicho de desenvolvimento, estudos sobre o sistema de crenças parentais são consideradas relevantes ao entendimento da configuração do ambiente de desenvolvimento infantil. As crenças parentais podem afetar as práticas de cuidado e, conseqüentemente, o desenvolvimento das crianças. A pesquisa com mães possibilita a construção de informações e a compreensão das relações existentes nos diferentes aspectos do desenvolvimento infantil, contribuindo assim para o entendimento das variáveis em torno desse fenômeno.

4 MÉTODO

4.1 Delineamento da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo e exploratório, pois tem como objetivo tornar familiar o fenômeno investigado, possibilitando explicações aprimoradas e novas descobertas (Gil, 1991). Configura-se como transversal por analisar um momento específico, no espaço e no tempo atual da trajetória de vida dos participantes. Caracteriza-se, também, como correlacional, pois observa a natureza dos fenômenos envolvidos, e busca verificar quantitativamente a influência recíproca desses fenômenos ao estabelecer a relação entre as variáveis pesquisadas.

4.2 Participantes

Participaram da pesquisa 50 mães primíparas, residentes na cidade de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, maiores de 18 anos, com um filho(a) de 0 a 3 anos de idade, de diferentes níveis socioeconômicos. Esse número de participantes foi escolhido intencionalmente, com base em pesquisas anteriormente realizadas, em que os mesmos instrumentos foram utilizados (Ribas et al., 2003; Prado, 2004, Ruela, 2006). A idade das participantes variou de 18 a 47 anos e a média ficou em 27 anos e 2 meses ($M = 27,18 \pm 6,62$).

A faixa etária das crianças foi estabelecida como um critério de inclusão das participantes na amostra por corresponder a um dos momentos críticos do desenvolvimento humano, no qual o investimento parental é decisivo para a sobrevivência dos filhos, e por ser representativa das possibilidades de interação descritas no instrumento sobre práticas parentais. No que se refere às mães, foi

estabelecida a idade mínima na qual o indivíduo é considerado legalmente responsável por suas ações, devido à necessidade de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo 1).

Dados mais específicos sobre a caracterização sociodemográfica da amostra, tais como distribuição etária das mães participantes, nível de escolaridade, situação conjugal, sexo e faixa etária da criança, estão descritos na página 31, no sub-item “*Caracterização sociodemográfica*” do capítulo de resultados da presente pesquisa.

4.3 Instrumentos de coleta de dados

4.3.1. Dados sociodemográficos

Para coletar os dados sociodemográficos das mães participantes foi utilizada uma ficha de informações sobre a família (anexo 2). Os dados colhidos foram referentes à mãe e ao seu companheiro (escolaridade, profissão e idade), e também sobre a criança (sexo e a idade).

O principal dado sociodemográfico coletado foi o nível de escolaridade. A importância da escolaridade materna tem sido demonstrada na literatura e é considerada uma variável comprovadamente associada ao conhecimento que as mães possuem sobre desenvolvimento infantil (Seidl de Moura, Ribas, Piccinini, Bastos, Magalhães, Vieira, Meireles da Silva e Silva, 2004; Ribas, Seidl de Moura, Soares, Gomes e Bornstein, 2003a; Ribas, Seidl de Moura e Bornstein, 2003b). Ribas et al. (2003) realizaram uma revisão de literatura sobre o conhecimento parental e identificaram, entre algumas tendências, que “dentre os diversos indicadores de nível socioeconômico, o nível educacional dos pais, em especial o da mãe, é o que tem maior valor discriminante em estudos sobre desenvolvimento infantil” (p. 423).

Estudos como os de Benasich e Brooks-Gunn (1996) identificaram a existência de correlação positiva entre nível educacional das mães e determinadas crenças maternas acerca do desenvolvimento infantil (e.g., idade mais provável para a aquisição de determinadas habilidades cognitivas ou comportamentais). Outro exemplo é encontrado na pesquisa de Bornstein, Hahn, Suwalsky e Haynes (2003), na qual analisaram o efeito do nível socioeconômico sobre comportamentos de mães e seus bebês de 5 meses, utilizando dois índices de nível socioeconômico (*Hollingshead Four-Factor Index of Social Status* [HI] e *Socioeconomic Index of Occupations* [SEI]) e componentes desses índices (educação, ocupação e renda). Os autores verificaram que o HI e o SEI apresentaram índices de correlação altos e significativos. Entretanto, uma modelagem estrutural de dados revelou que apenas o HI mostrou-se um bom preditor dos comportamentos das mães e de seus bebês, sendo que o único componente do HI que se mostrou bom preditor dos comportamentos das mães e de seus bebês foi o nível de escolaridade das mães. Esses resultados ressaltam a importância da escolaridade das mães como uma variável influente sobre a cognição parental.

Para a verificação do nível educacional, foi utilizada uma escala de 7 níveis (tabela 1) que leva em conta o número de anos de escolarização formal, retirada da Escala de Avaliação de Status Socioeconômico de Hollingshead (*For Factor index of Social Status* – HI, 1975). A validade do instrumento para o contexto brasileiro foi verificada em estudos realizados anteriormente (Ribas et al., 2003; Seidl de Moura, 2004).

Tabela 1: Escala de nível educacional de sete pontos de *Hollingshead*

Escolaridade:	Escore:
Ensino Fundamental Incompleto	1
Ensino Fundamental Completo	2
Ensino Médio Incompleto	3
Ensino Médio Completo	4
Superior Incompleto	5
Superior Completo	6
Pós-Graduação (mestrado, doutorado)	7

4.3.2. Entrevista semi-estruturada

A entrevista semi-estruturada, utilizada na presente pesquisa, foi baseada no instrumento desenvolvido por Miller e Harwood (2001), que tem como objetivo identificar quais são as metas de socialização em longo prazo e classificar as estratégias parentais de ação. O instrumento foi adaptado para o contexto brasileiro pelo grupo de estudos orientado pela Prof^a. Dr^a. Maria Lucia Seidl de Moura da Universidade do Rio de Janeiro, coordenadora geral do projeto nacional. Na presente pesquisa, visando alcançar os objetivos propostos e de acordo com o interesse do estudo, foi utilizada apenas a questão referente às metas de socialização infantil. A seguinte pergunta foi feita individualmente às mães:

1 - Que qualidades você gostaria que a sua criança tivesse quando adulto (como você gostaria que ele fosse quando adulto)?

As respostas foram classificadas de acordo com as categorias de análise construídas por Miller e Harwood (2001), referentes às expectativas dos progenitores para os principais comportamentos da criança (metas de socialização em longo prazo).

São elas:

1. *Auto-aperfeiçoamento* – preocupação com que a criança torne-se autoconfiante e independente, e que desenvolva totalmente seus talentos e capacidades como indivíduo.

Essa categoria se refere a um desenvolvimento em três planos macros: pessoal, profissional e interpessoal, e é composta por 3 subcategorias:

- a) Bem estar emocional e físico (sentir-se bem consigo mesmo) – Por exemplo: seguro, confiante no sentido de ser otimista de que as coisas terminam bem, saudável, extrovertido, seguro e feliz.

- b) Desenvolvimento do potencial pessoal e econômico – por exemplo: inteligente, talentoso, que termine os estudos, que tenha um bom trabalho, que se saia melhor do que os pais, bem sucedido, curioso e que desenvolva talentos ou habilidades cognitivas.
 - c) Independência psicológica – por exemplo: independente, auto-suficiente, adaptável, flexível, tome boas decisões, assertivo, entre outras.
2. *Autocontrole* – preocupação com que a criança desenvolva a capacidade de controlar impulsos negativos de ganância, agressão ou egocentrismo. Por exemplo: que seja calmo, que não se estresse, que domine seus impulsos e seja uma pessoa controlada, que não seja egoísta e que não se sinta frustrado em não conseguir o que deseja.
3. *Emotividade* – preocupação com que a criança desenvolva a capacidade para intimidade emocional com outros e que seja amada. Dividida em 2 subcategorias:
- a) Calor emocional – afetivo, bondoso, que tenha compaixão pelos outros, dedicado, aberto a novas amizades, entre outras.
 - b) Relações próximas com a família – tenha uma relação calorosa, próxima e de confiança com membros da família.
4. *Expectativas sociais* – preocupação com que a criança atenda a expectativas sociais de ser trabalhador, honesto e seguidor das leis. Dividida em 2 subcategorias:
- a) Evitar comportamento ilícito – por exemplo, não usar drogas, não fumar, não beber, não ser delinquente ou criminoso, não roubar, não destruir propriedade alheia, que tenha uma boa conduta sexual etc.

- b) Valores sociais – que não minta, que seja honesto, que seja trabalhador, que seja uma boa pessoa no sentido moral, ser uma pessoa responsável, que não se afaste dos valores religiosos ou políticos da família, entre outras.

5. *Bom comportamento* - preocupação com que a criança se comporte bem, se dê bem com os outros, e desempenhe bem papéis esperados em relação à família (bom pai, boa mãe, boa esposa, etc.). Incluí 2 categorias:

- a) Respeitador e bem educado – boas maneiras, comportamento polido, que se comporte bem, disciplinado, que tenha consideração, que não use linguagem inapropriada, que coopere com as autoridades, que seja obediente.
- b) Papéis familiares – que desempenhe bem obrigações relacionadas aos papéis na família nuclear e estendida, que seja bom filho, filha, esposo, esposa, mãe, pai, que faça as tarefas da casa, entre outras características referentes a esse contexto.

As respostas das participantes também foram classificadas nas dimensões: *individualista* e *sociocêntrica*. Essas duas categorias são independentes das descritas anteriormente. O mesmo conteúdo obtido nas entrevistas foi utilizado para tal classificação. As frases ou palavras significativas que indicassem a preocupação com que a criança priorize seus interesses individuais, da família nuclear, e sua autonomia pessoal e econômica, eram classificadas na dimensão *individualista*. Por outro lado, se a resposta da mãe participante indicasse uma preocupação para que a criança compreenda e construa seu *self* como interdependente do ambiente social, com ênfase no respeito a este ambiente, à família estendida e à cooperação entre pares, a resposta era classificada com sendo *sociocêntrica*.

4.3.3. Questionário de crenças sobre práticas parentais

Foi utilizada uma adaptação do instrumento desenvolvido por Suizzo (2002): *Croyances et idées sur les nourissons et petits enfants* (CINPE). O questionário inicialmente foi construído para avaliar o grau de importância atribuído a 50 práticas relacionadas ao cuidado diário de crianças. Os dados foram coletados em uma amostra de 455 pais e mães parisienses. O questionário foi construído para verificar como as crenças sobre práticas de cuidado infantil podem estar interligadas nas mentes dos pais parisienses. A intenção da autora era produzir uma medida específica para o contexto da sua pesquisa, e não apenas testar escalas produzidas em outros contextos culturais.

Inicialmente, Suizzo levantou um grande número de práticas pertencentes a vários domínios do cuidado parental, como, por exemplo, cuidados básicos, suporte socioemocional, contexto didático, estruturação do ambiente e a brincadeira. A autora usou como referência as seguintes medidas sobre crenças parentais: (1) *Parental attitudes toward childrearing* (Easterbrooks & Goldberg, 1984); (2) *The Maternal Expectations, Attitudes, and Beliefs Inventory* (Rickard, Graziano & Forehand, 1984); (3) *The NC- 158 Q-Sort Inventory of Parenting Practices* (Lawton et al., 1983); (4) *The Maternal Developmental Expectations and Childrearing Attitudes Scale* (Field, Widmayer, Stringer & Ignatoff, 1980); e (5) *Traditions Familiales de Soins et d'Education aux Jeunes Enfants* (Stork, 1986).

Também foram incluídas no questionário final as práticas e crenças parentais presentes em estudos interculturais encontrados na literatura, como, por exemplo, ninar a criança, carregá-la no colo, permitir que ela prove diferentes tipos de comida, alertá-la da presença de objetos e pessoas diferentes no ambiente e deixar a criança sozinha em casa. Outros itens contidos no questionário de Suizzo correspondem às idéias e crenças populares, identificadas em manuais franceses sobre como criar uma criança (e.g.

Bacus, 1991; David, 1994; Pernard, 1981). Por último, porém não menos importante, a autora, que tem como língua materna o francês, realizou numerosas entrevistas com pais, pediatras e psicólogas infantis de Paris.

Para identificar dimensões significativas das crenças parentais, Suizzo realizou uma análise fatorial dos 50 itens, tendo utilizado o método de extração de fatores de componentes principais. A amostra completa de participantes do estudo foi de 455 pais parisienses (238 mulheres e 177 homens). Para definir quais fatores seriam mantidos, três critérios foram utilizados: *eigenvalue* maior do que 1; *Catell's Scree Test* (Catell, 1966) e adequação teórica. Após a extração de fatores foi estimado o *alpha de Chronbach* para verificar a fidedignidade interna do questionário.

Com o questionário de Suizzo é possível identificar quatro dimensões relacionadas a diferentes domínios do cuidado parental: *Expor a criança a diferentes estímulos* (estimulação cognitiva e motora); *Garantir a apresentação apropriada da criança* (dimensão social); *Responder à criança e criar vínculo com ela* (dimensão emocional); e *Manter a criança sob controle rígido* (dimensão disciplinar). Para cada assertiva a mãe deve assinalar a importância que atribui ao item, numa escala de 6 pontos. Foi solicitado à mãe que respondesse de acordo com o que pensa sobre a criação de crianças em geral, e não o que especificamente faz com a sua criança. Esse procedimento permite levantar as crenças sobre as práticas de cuidado parental, em termos do valor atribuído a cada item, não se restringindo apenas aos comportamentos realizados pelas mães no cotidiano da interação com seus filhos.

Assim como o instrumento original, o questionário de crenças sobre práticas parentais (anexo 03), utilizado no Brasil, consiste em 50 itens, 25 relacionados a bebês até 1 ano de idade e 25 para crianças entre 1 e 3 anos. O instrumento original foi traduzido pela coordenação geral do projeto nacional, que realizou um processo de *back*

translation para verificação da clareza e adequação cultural das assertivas contidas no questionário. Uma comissão aprovou a tradução, e conferiu ao questionário a condição de instrumento adequado para alcance das metas propostas pelo projeto. Posteriormente a esse processo foram encaminhadas cópias a cada grupo de pesquisa participante para análise dos itens, verificação da estrutura do instrumento e da consistência interna, mediante a aplicação do questionário em testes piloto.

Os testes realizados no Brasil demonstraram que o instrumento não seria passível de utilização em território nacional, pois não teria apresentado fidedignidade interna, verificada na análise fatorial. Os valores dos *alphas de Chronbachs* foram baixos, sendo que apenas os fatores *Expor a criança a diferentes estímulos* (estimulação cognitiva e motora) e *Garantir a apresentação apropriada da criança* (dimensão social) obtiveram valores de alphas suficientes para sua validação.

Contudo, é possível que a validação do instrumento para o contexto brasileiro tenha sido prejudicada por uma inadequação semântica do questionário para cada região pesquisada, e por uma diferença de método na aplicação do instrumento nas diferentes capitais em que o estudo foi realizado. Em reuniões do grupo nacional, realizadas durante o processo de coletas de dados, ficaram caracterizadas as diferenças na aplicação dos testes e no entendimento dos itens do instrumento em algumas regiões do país. Os itens que apresentaram maiores divergências de entendimento foram justamente os pertencentes aos fatores *Responder à criança e criar vínculo com ela* (dimensão emocional) e *Manter a criança sob controle rígido* (dimensão disciplinar). A hipótese que se levanta é que essas diferenças de aplicação e interpretação das assertivas contidas no questionário conduziram a resultados divergentes entre as amostras de cada cidade pesquisada, o que resultou em valores inadequados na análise fatorial.

No entanto, para a presente pesquisa, houve o cuidado metodológico de garantir ao participante o entendimento adequado de cada item do instrumento, impossibilitando erros de interpretação. A aplicação do questionário foi padronizada e cada participante foi submetido aos mesmos procedimentos, tendo suas dúvidas sanadas assim que necessário, e, além disso, buscou-se verificar a consistência teórica entre os itens que compõem cada fator.

Em virtude da amostra utilizada ($n = 50$) ser insuficiente para a análise fatorial dos 50 itens, não foi possível calcular os *alphas de Chronbach* para os dados da presente pesquisa. Contudo, o rigor na aplicação dos questionários e a consistência teórica entre os itens que compõem cada fator, oferecem ao pesquisador alguma garantia de que os resultados obtidos a partir das análises realizadas correspondem às crenças sobre práticas de cuidado parental das mães pesquisadas.

4.4 Procedimento

As mães foram contatadas e questionadas sobre a sua disponibilidade de participar da pesquisa, recebendo informações sobre os objetivos da pesquisa, o método empregado, as responsabilidades do pesquisador e o direito de se recusar a participar, podendo sanar qualquer dúvida sobre os procedimentos a serem realizados. Caso concordassem em participar, uma data e um local convenientes para a mãe eram agendados. A participação foi condicionada à assinatura Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para comprovar a sua permissão e concordância em participar da pesquisa.

Os instrumentos de coleta de dados foram administrados individualmente. A pergunta sobre metas de socialização infantil em longo prazo foi feita oralmente pelo entrevistador, as respostas foram gravadas e transcritas posteriormente na íntegra.

O Questionário de Práticas Parentais Valorizadas foi disponibilizado à mãe, em versão impressa, para que pudesse acompanhar a leitura do instrumento. Esse procedimento possibilita ao participante a compreensão mais clara dos itens do questionário, e possibilita ao pesquisador, quando necessário, prestar esclarecimentos mais eficientes sobre qualquer um dos itens.

Todos os procedimentos planejados foram submetidos à aprovação de uma Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, tendo sido aprovados (CEP – 400/05).

4.5 Análise dos dados

A análise dos dados realizada foi tanto quantitativa, quanto qualitativa, visando atingir os objetivos propostos. As respostas ao questionário de crenças sobre práticas parentais foram codificadas com o auxílio do pacote estatístico SPSS-11, e se estabeleceu escores em cada um dos fatores de análise. Do ponto de vista qualitativo, as metas de socialização infantil das mães estudadas foram organizadas e analisadas com base nas categorias previamente definidas como modos desejáveis de conduta ou estados finais de existência (Rokeach, 1973), e a sua possível organização em modelos culturais ou etnoteorias parentais.

A associação entre os dados sociodemográficos, metas de socialização infantil e práticas de cuidado parental foi analisada mediante aplicação de testes não-paramétricos de correlação. Para verificar se havia diferença significativa entre os parâmetros sociodemográficos, tanto para a valorização de práticas quanto para a ênfase nas metas de socialização, foram utilizados testes não-paramétricos de contraste.

Recomenda-se o uso de técnicas estatísticas não-paramétricas nos casos em que não é possível cumprir com todos os supostos paramétricos e nos quais se trabalha com variáveis ordinais. Segundo Siegel (1975):

"As técnicas não-paramétricas de provas de hipóteses são particularmente adaptáveis aos dados das ciências do comportamento. Tais provas chamam-se a miúdo 'distribuição livre', e um de seus méritos é que, ao aplicá-las, não é necessário fazer suposições sobre a distribuição da população da qual tenham sido extraídos os dados para análise, por exemplo, se a distribuição é normal etc. Alternativamente, tais provas são também identificadas como 'provas de ordenação', e essa designação sugere outra vantagem das mesmas: as técnicas não-paramétricas podem ser aplicadas a dados que não sejam exatos do ponto de vista numérico, mas que se disponham simplesmente em 'postos', ou números de ordem". (Siegel, 1975: Prefácio).

Além disso, segundo Siegel, as provas estatísticas não-paramétricas prestam-se não só ao tratamento de dados apresentados em postos, como também àqueles cujos escores aparentemente numéricos têm, na realidade, a força de postos. Isto é, o pesquisador pode apenas determinar se um indivíduo possui maior ou menor quantidade de característica que está estudando, sem, entretanto, poder dizer realmente quanto mais ou quanto menos. Outra vantagem das provas não-paramétricas é sua aplicabilidade a pequenas amostras.

4.5.1. Metas parentais de socialização infantil

As respostas das mães indicando quais qualidades gostariam que seus filhos apresentassem, o que corresponde as suas metas de socialização para a criança em longo prazo, foram identificadas por palavras individuais (ex: "seguro", "estudioso", "inteligente", "honesto") ou frases descritivas (como: "que ele seja trabalhador", "curse uma faculdade", etc.). Essas respostas foram codificadas em cinco categorias com conteúdos exclusivos (uma frase ou palavras descritivas não poderão ser classificadas

em duas categorias), estabelecidas por Miller e Harwood (2001) com o objetivo de identificar dimensões culturalmente relevantes para o desenvolvimento infantil.

O número total de frases ou palavras descritivas que um participante emitiu corresponde ao “número total de descrições”. Sobre este valor foi calculado o número proporcional/percentual de respostas para cada categoria, dividindo o número de descrições codificadas em uma categoria particular pelo total de descrições realizadas pela mãe. Diante do valor proporcional e da porcentagem de respostas, foi possível identificar o tipo de meta de socialização infantil estabelecido pelas mães participantes da pesquisa, de que forma os parâmetros sociodemográficos estão associados às categorias de análise, e qual tipo de meta melhor caracteriza a amostra pesquisada.

4.5.2. Questionário de crenças sobre práticas parentais

Como visto anteriormente, os itens do questionário desenvolvido por Suizzo (2002) correspondem a práticas pertencentes a quatro domínios principais do cuidado parental: (1) *Expor a criança a diferentes estímulos* (estimulação cognitiva e motora); (2) *Garantir a apresentação apropriada da criança* (dimensão social); (3) *Responder à criança e criar vínculo com ela* (dimensão emocional) e (4) *Manter a criança sob controle rígido* (dimensão disciplinar). Foi obtido um escore em cada item mediante seu somatório para obtenção de média e também um escore para cada fator, possibilitando a verificação da tendência de resposta das mães e a comparação entre os fatores.

Como critério de análise e apresentação dos dados, as 4 categorias previamente estabelecidas foram chamadas respectivamente de: 1) *Estimulação*, 2) *Apresentação*, 3) *Responsividade* e 4) *Disciplina*. Dessa forma, a organização dos dados nos programas estatísticos e nas tabelas de resultados torna-se menos carregadas e de fácil visualização.

Buscou-se determinar o grau de correlação entre os dados sociodemográficos e os quatro fatores contemplados pelo instrumento, quais práticas são mais valorizadas

pelas mães, e quais parâmetros sociodemográficas apontam tendências diferentes de valorização de práticas.

5. RESULTADOS

5.1 Caracterização sócio-demográfica

A amostra foi composta por 50 mães primíparas (apenas 1 filho), residentes no município de Florianópolis. A idade das participantes variou de 18 a 47 anos, com média de idade de aproximadamente 27 anos, caracterizando-se como um grupo de adultos jovens, tendo em vista a maior concentração de indivíduos nas faixas etárias de 18 a 27 anos (60% da amostra) (tabela 2).

Tabela 2: Distribuição das participantes segundo a faixa etária.

Faixa etária	N	%
18-27 anos	30	60
28-37 anos	16	32
38-47 anos	4	8

No que diz respeito à escolaridade (tabela 3), a amostra se configurou por 4 indivíduos com ensino fundamental incompleto, 2 com fundamental completo, 3 com ensino médio incompleto, 16 com médio completo, 8 com curso superior incompleto, 13 com superior completo e 4 com pós-graduação. As mães também foram agrupadas em dois níveis de escolaridade condensados: *Ensino fundamental/médio*, que corresponde às mães que tem até o ensino médio completo e *Ensino superior*, que diz respeito às participantes que pelo menos ingressaram na universidade. Mediante essa classificação as participantes ficaram divididas em 25 mães no grupo Ensino fundamental/médio e 25 no Ensino superior (tabela 3).

Tabela 3: Distribuição das participantes segundo o nível de escolaridade

Escolaridade	N	%
Fundamental incompleto	4	8
Fundamental completo	2	4
Médio incompleto	3	6
Médio completo	16	32
Superior incompleto	8	16
Superior completo	13	26
Pós-graduação	4	8
Fundamental/médio	25	50
Superior	25	50

Das 50 participantes da amostra 36 residem com o pai da criança, enquanto as outras 14 não (13 mães solteiras e 1 separada). Em relação ao sexo da criança, a amostra foi paritária, sendo que 24 eram meninas e 26 meninos. A distribuição das crianças nas faixas etárias também foi equilibrada, 15 bebês na faixa de 0 a 12 meses, 18 crianças entre 13 e 24 meses e 17 entre 25 e 36 meses, como visto na tabela 4.

Tabela 4: Distribuição total e percentual da amostra segundo as variáveis sociodemográficas situação conjugal, sexo da criança e faixa etária da criança.

		n	%
Situação conjugal: residentes com o pai da criança	sim	36	72
	não	14	28
Sexo da criança	Meninas	24	48
	Meninos	26	52
Faixa etária da criança	0 – 12 meses	15	30
	13 – 24 meses	18	36
	25 – 36 meses	17	34

5.2 Metas de socialização infantil

Na análise da distribuição percentual das metas de socialização infantil nas categorias previamente estabelecidas, verificou-se que a proporção de respostas das mães para as cinco categorias não apresentou diferenças significativas entre as qualidades que elas desejam que seus filhos adquiram à medida que se tornam adultos, apesar das diferenças socioculturais existentes entre elas. Os parâmetros sociodemográficos utilizados para verificar essa condição foram a idade das mães, o nível de escolaridade materno, se elas residem junto ao pai da criança, o sexo da criança e a sua faixa etária. Os valores de correlação de *Sperman* (ρ), e os valores de qui-quadrado (H) e o nível de significância (p), obtidos mediante aplicação do teste de *Kruskal-Wallis*³, mostram que a classificação das respostas das mães participantes não difere significativamente, apesar das diferenças sociodemográficas utilizadas como

³ O teste de *Kruskal-Wallis* mede a distância de cada grupo em relação ao *ranking* médio da amostra como um todo. Utiliza a classificação dos valores brutos e não os valores em si. Isto é apropriado neste caso, pois as medidas utilizadas para análise são ordinais (Siegel e Castellan, 1988; Daniel, 1981).

critério de análise. Esses dados apresentam um indicativo de que as mães participantes compartilham metas de socialização infantil, apesar das diferenças sociodemográficas existentes entre elas. Contudo, para verificação dessa hipótese foi necessário realizar uma análise de distribuição das mães entre as categorias de análise (tabela 5), pois somente assim seria possível verificar quais metas são de fato compartilhadas entre as participantes, e quais são específicas de uma parcela específica da amostra, mesmo tendo um grande número de menções.

Tabela 5: número absoluto e percentual de mães que mencionaram pelo menos uma qualidade referente às metas de socialização infantil

	<i>n</i>	%
<i>Metas de socialização</i>		
Expectativa sociais	42	84
Auto-aperfeiçoamento	36	72
Bom comportamento	27	54
Emotividade	16	32
Autocontrole	10	20

Das 50 mães pesquisadas, 42 (84% da amostra) apresentaram pelo menos uma menção de qualidades referentes à categoria *Expectativas sociais*, e 36 mães (72%) mencionaram pelo menos uma vez alguma meta de *Auto-aperfeiçoamento*. Em um nível intermediário ficou a categoria *Bom comportamento* com menção de 27 mães (54%). As menos mencionadas foram as metas referentes à *Emotividade*, que apareceu no discurso de 16 mães (32%), e ao *Autocontrole*, que foram citadas por 10 mães (20%). Assim sendo, com base na distribuição percentual das mães pesquisadas nas categorias de análise, que sinaliza que as características referentes às categorias *Expectativas Sociais* e *Auto-aperfeiçoamento* fazem parte do sistema de crenças da maioria absoluta da amostra pesquisada, verifica-se que as participantes compartilham idéias sobre as qualidades que seus filhos deveriam adquirir à medida que se tornam adultos.

Posteriormente à constatação de que a proporção de respostas é similar e que as mães compartilham metas semelhantes, apesar das diferenças sociodemográficas, foi

possível caracterizar as metas de socialização para a amostra como um todo. Foi verificado qual o tipo de meta melhor caracteriza a amostra pesquisada mediante a aplicação da prova T das categorias com sinal de *Wilcoxon*⁴ para amostras relacionadas.

A análise dos dados mostrou que existe diferença significativa entre a média de respostas para as categorias *Expectativas Sociais* e *Auto-aperfeiçoamento*, e as médias das demais categorias, sendo que entre as duas citadas não foi encontrada diferença significativa (tabela 6). Vale ressaltar que também foram encontradas diferenças significativas na comparação entre as categorias *Bom comportamento*, *Emotividade* e *Autocontrole*, demonstrando que o ordenamento das metas tem representação significativa.

Tabela 6: Comparação entre a média de respostas para cada categoria de metas de socialização infantil.

			Z	p
Expectativas sociais	-	Auto -aperfeiçoamento	1,43	0,15
	-	Bom comportamento	4,09	< 0,001
	-	Emotividade	4,62	< 0,001
	-	Autocontrole	5,35	< 0,001
Auto-aperfeiçoamento	-	Bom comportamento	2,76	< 0,01
	-	Emotividade	4,66	< 0,001
	-	Autocontrole	4,89	< 0,001
Bom comportamento	-	Emotividade	2,13	< 0,05
	-	Autocontrole	3,55	< 0,001
Emotividade	-	Autocontrole	2,88	< 0,05

As metas descritas foram ordenadas de forma decrescente, utilizando a porcentagem de respostas para cada categoria. Em um total de 295 palavras ou frases descritivas para as metas de socialização infantil, com média de 5,9 codificações por participante, 123 (42%) (tabela 7) foram referentes à categoria *Expectativas sociais*. Dentre essas, as mães se referiram na maior parte de suas respostas à subcategoria de

⁴ A prova não-paramétrica de contraste de Wilcoxon permite avaliar o peso estatístico dos resultados comparando as categorias entre si (Bisquerra, Sarriera, Martinez, 2004).

Valores sociais; por 109 vezes manifestaram o desejo que sua criança se tornasse honesta, trabalhadora, responsável, que fosse uma boa pessoa no sentido moral. As outras 14 menções se enquadraram na subcategoria *Evitar comportamento ilícito*, questões como não usar drogas, não beber, manter uma conduta sexual e não se tornar um criminoso foram mencionadas pelas mães.

Em segundo lugar, ficaram as metas referentes à categoria *Auto-aperfeiçoamento* (tabela 7). As mães mencionaram 89 vezes (30%) a preocupação com que a criança se torne autoconfiante, independente e que desenvolva suas capacidades como indivíduo. Sendo que dessas, 57 foram referentes à subcategoria *Desenvolvimento do potencial pessoal e econômico*, com ênfase na possibilidade da criança se tornar um adulto inteligente e talentoso, que termine os estudos e que seja bem sucedido no trabalho; 17 referentes à subcategoria *Bem estar emocional, físico e integração*, que trata do desejo de que a criança se torne um adulto seguro, extrovertido, otimista e feliz; e 15 a respeito da subcategoria *Independência Psicológica*, na qual se enquadra a expectativa de que a criança se torne auto-suficiente, flexível, independente e que saiba tomar boas decisões na sua vida.

Na terceira colocação ficou a categoria *Bom comportamento*. Foram 47 menções (16%) (tabela 7) a respeito da preocupação com que as crianças apresentem um padrão de comportamento apropriado ao contexto de interação ao qual pertence e que desempenhem bem seus papéis familiares. Destas, 37 referências à subcategoria *Respeitador e bem educado*, como por exemplo, “que ele seja um adulto disciplinado”, “que trate bem os outros”, “que respeite os mais velhos”, entre outras; e 10 palavras ou frases descritivas da subcategoria *Papéis familiares*, como por exemplo, “que seja um bom pai”, “boa mãe”, “bom marido”, “que respeite a esposa e os filhos” e “que ajude nas tarefas domésticas”.

As duas últimas foram, respectivamente, *Emotividade*, 25 citações (8%) e *Autocontrole*, com 11 menções (4%) (tabela 7). No que diz respeito à *Emotividade*, as mães apontaram 18 vezes a preocupação com que a criança desenvolva intimidade com as demais pessoas, como por exemplo, “ser amoroso com os amigos”, “que tenha compaixão com as pessoas”, “que seja bondoso com os demais”, o que configura a subcategoria *Calor emocional em geral*, e 7 menções a características da subcategoria *Relações próximas com a família*, como por exemplo “que seja muito carinhoso com os filhos”, “que ame a esposa” e “que ame os pais mesmo depois de velhos”. Em relação ao *Autocontrole*, que foi a categoria menos citada pelas mães participantes, houve apenas 11 manifestações de desejo que a criança desenvolva a capacidade de controlar impulsos negativos.

Tabela 7: Distribuição total e percentual das respostas para cada subcategoria e categoria de metas de socialização infantil

Categorias	Subcategorias	nº de menções	Total	%
Expectativas sociais	a) Evitar comportamento ilícito	14	123	42
	b) Valores sociais	109		
Auto-aperfeiçoamento	a) Bem estar emocional, físico e integração	17	89	30
	b) Desenvolvimento do potencial pessoal e econômico	57		
	c) Independência Psicológica	15		
Bom comportamento	a) Respeitador e bem educado	37	47	16
	b) Papéis familiares	10		
Emotividade	a) Calor emocional em geral	18	25	8
	b) Relações próximas com a família	7		
Autocontrole			11	4

As metas também foram analisadas nas dimensões *individualistas* e *sociocêntricas*. De acordo com os resultados obtidos, foi constatado que das 295 palavras ou frases descritivas, 195 (63%) foram referentes a metas *sociocêntricas*,

enquanto as demais 100 menções (37%) eram voltadas para metas *individualistas* (tabela 8).

Tabela 8: Distribuição total e percentual de respostas segundo as categorias *sociocêntrica* e *individualista*

Categorias	nº de menções	%
sociocêntrica	195	66
individualista	100	34
<i>total</i>	295	100

Contudo, vale ressaltar que as duas categorias mais mencionadas individualmente foram *Expectativas sociais*, em primeiro lugar, e *Auto-aperfeiçoamento* em segundo (tabela 8), indicando que apesar da prevalência das metas *sociocêntricas*, as *individualistas* também estão presentes de modo expressivo no imaginário das mães pesquisadas, principalmente no que diz respeito desenvolvimento do potencial pessoal e econômico, do bem estar emocional e da independência psicológica. Resultado reforçado pela ausência de diferença significativa entre essas duas categorias.

5.3 Crenças sobre Práticas de Cuidado Parental

Os dados obtidos com o questionário sobre práticas parentais foram analisados de duas formas. Inicialmente, verificou-se a possibilidade de haver correlação significativa entre variáveis sociodemográficas da família pesquisada – idade da mãe, nível de escolaridade materna e idade da criança - e os fatores do questionário de crenças sobre práticas parentais – *Estimulação, Apresentação, Responsividade e Disciplina*.

A análise dos dados mostrou que existe correlação significativa entre a escolaridade da mãe e as práticas valorizadas por ela (tabela 9). A correlação foi positiva no fator *Estimulação* ($\rho = 0,57$; $p < 0,001$), indicando que as mães mais escolarizadas passam a valorizar mais intensamente a estimulação cognitiva e motora da

criança. Por outro lado, foi negativa nos fatores *Apresentação* ($\rho = -0,17$; $p < 0,05$) e *Disciplina* ($\rho = -0,44$; $p < 0,001$), mostrando que as práticas voltadas para a dimensão social, tais como ensinar a criança a cumprimentar e agradecer; e as voltadas para a dimensão disciplinar, como criar a criança com crenças religiosas, ficam mais flexíveis à medida que as mães passam a ter um nível maior de escolaridade. Um dado interessante é que não há correlação significativa para o fator *Responsividade*, ou seja, as mães de diferentes níveis de escolaridade valorizam de maneira semelhante às práticas voltadas à disponibilidade da mãe em responder prontamente às necessidades da criança e a criar vínculo com ela.

Da mesma forma, foram encontradas correlações entre os 4 fatores de análise (tabela 9). A correlação foi negativa entre os fatores *Estimulação* e *Disciplina* ($r = -0,34$; $p < 0,05$), e positiva entre os fatores *Apresentação* e *Responsividade* ($r = 0,48$; $p < 0,001$). Portanto, de acordo com os dados encontrados, quanto mais se valoriza a estimulação cognitiva e motora, menos valor é dado ao controle rígido disciplinar. Por outro lado, quanto maior a valorização de práticas voltadas para a responsividade à criança e a criar um vínculo positivo com ela, mais se valoriza as práticas que garantam a sua apresentação apropriada no contexto de interações sociais.

Tabela 9: Correlação entre os fatores acumulados do questionário sobre práticas de cuidado parental valorizadas.

	1	2	3	4	5
1 – Escolaridade da mãe					
2 – Idade do bebê	-0,22				
3 – <i>Estimulação</i>	0,57**	-0,05			
4 – <i>Apresentação</i>	-0,17*	0,04	-0,03		
5 – <i>Responsividade</i>	0,158	-0,17	0,16	0,48**	
6 – <i>Disciplina</i>	-0,44**	-0,09	-0,34*	-0,015	0,07

$p < 0,05$; ** $p < 0,001$

A segunda análise realizada teve como objetivo verificar qual fator é mais valorizado entre as mães pesquisadas. Foram utilizados como parâmetros de comparação a idade da mãe, o nível de escolaridade materno, se elas residem junto ao pai da criança, o sexo da criança e a sua faixa etária.

De modo geral, as médias obtidas para cada categoria de análise mostraram que as mães pesquisadas valorizam em primeiro lugar as práticas referentes ao fator *Apresentação*, seguido pelo fator *Estimulação*, em terceiro lugar o fator *Responsividade*, e por último *Disciplina* (tabela 10). Contudo, as mães que estavam cursando ou já haviam completado o ensino superior valorizaram significativamente mais as práticas de cuidado parental referentes à categoria *Estimulação* do que as de *Apresentação* ($F = 13,38$; $df = 1$; $p < 0,001$), dado que mostra mais uma vez a interferência da variável escolaridade na formação das crenças parentais.

Tabela 10: Média de respostas das mães, codificadas entre os fatores do questionário sobre práticas valorizadas, com base nos critérios sociodemográficos.

		Apresentação	Estimulação	Responsividade	Disciplina
Média geral		4,33 ± 0,48	4,18 ± 0,45	3,57 ± 0,48	2,64 ± 0,53
Faixa etária	18-25 anos	4,36 ± 0,39	4,11 ± 0,58	3,46 ± 0,38	2,16 ± 0,41
	26-32 anos	4,25 ± 0,59	4,17 ± 0,32	3,57 ± 0,56	2,14 ± 0,34
	33-47 anos	4,48 ± 0,21	4,43 ± 0,24	3,89 ± 0,34	2,07 ± 0,64
Escolaridade	Médio	4,40 ± 0,42	3,98 ± 0,44	3,48 ± 0,51	2,26 ± 0,44
	Superior	4,26 ± 0,52	4,39 ± 0,35**	3,66 ± 0,44	2,01 ± 0,34
Mãe e pai residem	Juntos	4,26 ± 0,52	4,24 ± 0,40	3,53 ± 0,46	2,09 ± 0,39
	Separados	4,50 ± 0,24	4,04 ± 0,53	3,66 ± 0,45	2,25 ± 0,46
Faixa etária da criança	1-12 meses	4,27 ± 0,49	4,25 ± 0,34	3,65 ± 0,51	2,15 ± 0,40
	13- 24 meses	4,38 ± 0,49	4,13 ± 0,51	3,60 ± 0,35	2,21 ± 0,46
	25-36 meses	4,33 ± 0,46	4,18 ± 0,47	3,46 ± 0,57	2,05 ± 0,37
Sexo da criança	menina	4,38 ± 0,47	4,16 ± 0,53	3,63 ± 0,54	2,17 ± 0,45
	menino	4,28 ± 0,48	4,20 ± 0,36	3,51 ± 0,42	2,10 ± 0,37

** $p < 0,001$

Na análise dos dados também foram destacados os itens de maior e menor média para cada fator (tabela 11). O objetivo dessa análise foi o de verificar entre as práticas

valorizadas, quais se destacavam como sendo as mais importantes na opinião das mães pesquisadas.

Tabela 11: Médias e desvio padrão nos itens avaliados como mais e menos importantes para os quatro fatores de análise do questionário sobre práticas parentais.

Fatores	Maiores médias		Menores médias	
Estimulação	Item 12	Item 09	Item 08	Item 15
	4,92 ± 0,27	4,88 ± 0,38	2,84 ± 1,50	3,00 ± 1,30
Apresentação	Item 23	Item 22	Item 21	Item 17
	4,78 ± 0,46	4,76 ± 0,47	3,34 ± 1,58	3,88 ± 0,96
Responsividade	Item 27	Item 25	Item 29	Item 28
	4,78 ± 0,54	4,34 ± 0,87	1,98 ± 1,40	2,56 ± 1,45
Disciplina	Item 40	Item 41	Item 42	Item 43
	4,52 ± 1,37	3,32 ± 1,47	0,04 ± 0,19	1,30 ± 1,32

No fator *Estimulação* as mães deram maior importância para os itens “12 – conversar bastante com a criança” e “09 – oferecer ao bebê brinquedos que estimulem seus sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar)”. Enquanto que os menos valorizados foram os itens “08 – Estimular a criança a brincar sozinha” e “15 – Fazer como que a criança brinque tanto com brinquedos de meninas como de meninos”.

No fator *Apresentação*, os itens mais valorizados foram “23 – Ensinar a criança a cumprimentar e agradecer”, “22 – Dar banho na criança todos os dias”, “24 – Ensinar a criança a se comportar fora de casa”, e “18 – Não deixar que a criança veja os pais brigando”. Os itens menos valorizados para esta categoria foram o “21 – Não demonstrar para a criança quando se está triste” e o “17 – Não deixar que a criança coloque coisas sujas na boca”.

Em relação ao fator *Responsividade*, os itens que tiveram maiores médias de respostas positivas foram “27 – Amamentar o bebê no peito até os seis meses” e “25 – Fazer sopinhas e papinhas para o bebê”. Por outro lado, os itens menos valorizados foram “29 – Ficar bastante com o bebê no colo” e “28 – Pegar o bebê no colo logo que

ele comece a chorar”. Aparentemente, as mães pesquisadas acreditam que dar colo em excesso pode ser prejudicial para o desenvolvimento de suas crianças.

No fator *Disciplina* o item mais valorizado foi o “40 – Não deixar o bebê sozinho mesmo que seja para um a saída rápida por perto”. Os itens menos valorizados foram “42 – Deixar a criança provar um gole de bebida alcoólica numa ocasião comemorativa” e “43 – Bater na criança quando ela fizer alguma coisa errada”.

5.4 Relação entre Metas de Socialização Infantil e Crenças sobre Práticas de Cuidado Parental

A análise dos dados mostrou que existem correlações significativas entre as metas de socialização e as crenças sobre práticas de cuidado parental (tabela 12).

Tabela 12: Correlação entre as metas de socialização infantil e as práticas de cuidado parental valorizadas.

	<i>Auto- aperfeiçoamento</i>	<i>Autocontrole</i>	<i>Emotividade</i>	<i>Expectativas sociais</i>	<i>Bom comportamento</i>
<i>Estimulação</i>	0,02	0,10	-0,16	-0,07	-0,01
<i>Apresentação</i>	0,15	0,32*	0,04	-0,09	-0,25*
<i>Responsividade</i>	0,06	0,25*	0,24*	0,02	-0,18
<i>Disciplina</i>	0,17	0,24*	0,11	-0,06	-0,26*

* $p < 0,05$

As correlações foram positivas entre as metas de *Autocontrole* e as práticas de *Apresentação* ($\rho = 0,32$; $p < 0,05$), *Responsividade* ($\rho = 0,25$, $p < 0,05$) e *Disciplina* ($\rho = 0,24$; $p < 0,05$); mostrando que quanto mais as mães mencionam metas de autocontrole mais elas valorizam as práticas voltadas à dimensão social, à dimensão emocional e ao controle rígido da criança. Também foram encontradas correlações positivas entre as metas de *Emotividade* e as práticas de *Responsividade* ($\rho = 0,24$; $p < 0,05$), quanto mais as participantes citam a preocupação com que a criança desenvolva a capacidade de amar e ser amada, mais ela valoriza práticas voltadas ao estabelecimento de vínculo afetivo com a criança.

Por outro lado, as correlações foram negativas entre as metas de *Bom comportamento* e as práticas de *Disciplina* ($\rho = -0,26$; $p < 0,05$) e de *Apresentação* ($\rho = -0,25$; $p < 0,05$). Nesse caso, os dados mostram que quanto mais as mães pesquisadas mencionam as metas voltadas à preocupação com que a criança se comporte bem e desempenhe os papéis familiares, menos valor ela dá às práticas que mantenham a criança sob controle rígido, tais como bater na criança ou ensiná-la a não chorar em público.

6 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

O sistema de crenças parentais faz parte do nicho de desenvolvimento, conforme apontado por Harkness e Super (1992). Nesse sentido, a realização deste estudo buscou constatar as possíveis relações entre as características sociodemográficas das participantes, suas expectativas para o futuro dos filhos, traduzidas em metas de socialização infantil, e as crenças sobre a melhor forma de educar uma criança.

Com base nos resultados foi possível observar que às mães participantes tem como metas principais de socialização infantil as características referentes às categorias *Expectativas sociais*, com ênfase nos valores sociais, e *Auto-aperfeiçoamento*, com ênfase no desenvolvimento do potencial pessoal e econômico da criança. Em um nível intermediário ficaram as metas de *Bom comportamento*, enquanto as menos citadas são, respectivamente, *Emotividade* e *Autocontrole*. Esse resultado está de acordo com outras pesquisas realizadas no Brasil, em que os mesmos instrumentos foram utilizados. Ruela (2006), realizou um estudo comparando as metas de duas gerações da mesma família (avós e mães), no qual os dados apontaram que as mães também concentraram suas respostas nas categorias de *Auto-aperfeiçoamento* e *Expectativas sociais*, sendo que as demais categorias foram classificadas na mesma ordem que as da presente pesquisa. Em outro estudo, Prado (2004) pesquisou as metas de socialização infantil de casais de Florianópolis, encontrando os mesmos resultados. A autora pode constatar que as mães classificaram em primeiro lugar as metas referentes às categorias *Expectativas sociais* e *Auto-aperfeiçoamento*, seguidas por *Bom comportamento*, e por último, *Emotividade* e *Autocontrole*.

As respostas das mães também foram analisadas nas dimensões *individualistas* e *sociocêntricas*, e de acordo com os resultados obtidos, tanto na presente pesquisa quanto na demais anteriormente citadas, foi constatado que as mães mencionam

predominantemente metas *sociocêntricas*, do que metas *individualistas*. Esses dados mostram-se, de certa forma, consoantes com os resultados de pesquisas desenvolvidas por Leynhecker e cols. (2002) e Harwood, Schoelmerich, Ventura-Cook, Schulze & Wilson (1996). Segundo esses autores, mães da América Latina, de uma forma geral, tendem a desejar, como metas de desenvolvimento, características voltadas para o grupo social (sociocêntricas), valorizando, por exemplo, as expectativas sociais e o bom comportamento. Miller e Harwood (2001) encontraram prevalência da categoria Expectativas sociais e Bom comportamento em mães porto-riquenhas, enquanto as mães anglo-americanas apresentam significativamente mais metas tipicamente individualistas. Leynhecker e cols (2002) encontram resultados equivalentes na comparação de mães migrantes da América central (El Salvador, Guatemala, Nicarágua, Honduras) e mães ibero-americanas. A categoria bom comportamento apresentou maior percentual entre as mães latinas comparado com mães ibero-americanas e os autores verificaram, do mesmo modo, diferença significativa para as categorias autocontrole e emotividade.

Com base nos trabalhos de Miller e Harwood (2001) e de Leynhecker e cols (2002), pode-se afirmar, na presente pesquisa, que as mães aproximam-se da cultura latina quando apresentam prevalência das categorias expectativas sociais. No entanto, deve-se ressaltar que apesar da prevalência de metas voltadas à dimensão social, as mães pesquisadas tanto no presente estudo, quanto em Ruela (2006) e Prado (2004), também valorizaram de forma expressiva metas individualistas. Aparentemente, no contexto brasileiro, as mães tendem a estabelecer metas tanto voltadas à dimensão social, quanto à dimensão individual. Keller, Borke, e Yovsi (2005) descrevem uma classificação que envolve metas valorizadas pelo grupo social em associação com as de autonomia e independência. Nesses casos, as mães manifestam o desejo que seus filhos

construam um *self* que seja, ao mesmo tempo, interdependente e independente (Suizzo, 2002). Parece ser esta a tendência das mães brasileiras, sendo que tanto a presente pesquisa, quanto o estudo de Ruela (2006), sugerem a coexistência das duas características de forma expressiva nas amostras brasileiras, variando entre esses dois extremos, de acordo com condições culturais específicas de cada contexto.

Outro ponto que merece atenção é o fato dos parâmetros sociodemográficos não terem se mostrado determinantes no estabelecimento de metas de socialização infantil. Verificou-se que a proporção de respostas das mães para as cinco categorias não apresentou diferenças significativas entre as qualidades que eles desejam que seus filhos adquiram à medida que se tornam adultos, apesar das diferenças socioculturais existentes entre elas. A distribuição de mães entre as categorias de análise denota que as metas são compartilhadas entre as participantes, principalmente no que diz respeito às metas voltadas às expectativas sociais e ao auto-aperfeiçoamento. No entanto, a variável escolaridade se mostrou significativa na valorização de práticas de cuidado parental. Os resultados indicam que as mães mais escolarizadas passam a valorizar mais intensamente a estimulação cognitiva e motora da criança, enquanto são as que menos valorizam as práticas voltadas para os aspectos do controle disciplinar rígido e da apresentação social, como, por exemplo, bater na criança quando fizer algo errado ou ensiná-la a não chorar em público. Aparentemente, as práticas voltadas para a dimensão social e para a dimensão disciplinar, ficam mais flexíveis à medida que as mães passam a ter um nível maior de escolaridade.

Esses resultados estão de acordo com uma das premissas da psicologia evolucionista do desenvolvimento. Nesta perspectiva, o comportamento parental se assemelha entre as diferentes culturas e contextos na sua função, devido à adaptabilidade em termos evolucionistas, enquanto varia na forma, em virtude das

particularidades do contexto onde se manifestam (Seidl de Moura & Ribas, 2004). As propensões para o cuidado da criança parecem gerais, fator que explicaria as metas de socialização serem compartilhadas pelas mães participantes, apesar do nível de conhecimento sobre as produções culturais de sua sociedade (ciência, artes, religiões etc), caracterizado nesta pesquisa pela variação do nível de escolaridade, ser diferente. No entanto, existem diferenças na crença sobre como alcançar essas metas, o que fica demonstrado na caracterização das práticas valorizadas por elas como a melhor forma de educar uma criança.

Nesse sentido, os dados reforçam a hipótese de que as metas, traduzidas como aquilo que os adultos da cultura estabelecem como o desenvolvimento adequado de uma criança, são compartilhados, enquanto as crenças sobre a forma de alcançar esses objetivos dependem do contexto de representações do grupo social. É justamente nesse sistema multidimensional de metas de socialização e crenças sobre práticas de cuidado, no qual a escolaridade parece ter um papel específico de atuação, que as mães estabelecem a dinâmica relacional com suas crianças, tendo a tarefa de decidir o melhor caminho para garantir o desenvolvimento satisfatório de seus descendentes.

Além disso, a análise dos dados mostrou que, de modo geral, as médias obtidas para cada categoria de análise mostraram que as mães pesquisadas valorizam em primeiro lugar as práticas referentes à apresentação apropriada do bebê em público (fator *Apresentação*), seguido pela estimulação motora e cognitiva (fator *Estimulação*), em terceiro lugar as práticas voltadas à formação de vínculo positivo com a criança (fator *Responsividade*), e por último o controle rígido do comportamento infantil (fator *Disciplina*). Os mesmos resultados foram encontrados por Ruela (2006) na sua pesquisa a respeito de crenças sobre práticas de cuidado parental, realizadas com mães e avós.

Tomando como referência as práticas valorizadas, pode-se fazer paralelo com os dados apresentados anteriormente sobre o que as mães desejam para o futuro de suas crianças. As mães estabeleceram como metas que seus filhos atendam as expectativas sociais e desenvolvam seu potencial pessoal e econômico. Assim, para atingir seus objetivos, elas valorizam mais práticas que ensinem seus filhos a terem uma apresentação apropriada em sociedade, como por exemplo, ensiná-lo a cumprimentar e agradecer, se comportando bem no ambiente social, seguido de práticas que envolvam a estimulação das habilidades da criança. Esses resultados mostram-se consoantes com a literatura da área que aponta uma relação significativa entre crenças e práticas parentais (e.g. Goodnow, 1988; Harkness e Super, 1992; Prado 2004; Ruela 2006; Kobarg, 2006).

Da mesma forma, foram encontradas correlações significativas entre os 4 fatores de análise. A correlação foi negativa entre os fatores *Estimulação* e *Disciplina* e positiva entre os fatores *Apresentação* e *Responsividade*. Portanto, de acordo com os dados encontrados, quanto mais se valoriza a estimulação cognitiva e motora da criança, menos valor se dá ao controle rígido disciplinar. Por outro lado, quanto maior a valorização de práticas voltadas para a responsividade à criança e a criar um vínculo positivo com ela, mais se valoriza as práticas que garantam a sua apresentação apropriada no contexto de interações sociais.

Esse resultado é atribuído aos tipos de prática que compõem a categoria *Disciplina*. No imaginário popular o termo disciplina é entendido como a forma de ensinar a criança as normas e regras sociais, possibilitando a ela o conhecimento de discernir entre o certo e o errado. Contudo, no instrumento em questão, essa categoria é composta por itens que descrevem comportamentos muitas vezes considerados agressivos pelas mães pesquisadas, como por exemplo, “bater quando a criança fizer alguma coisa errada”, “tirar a fralda cedo”, “ensinar a não chorar em público” e “deixar

chorar por algum tempo antes de pegar no colo”. Foram comuns as situações em que as mães pesquisadas reagiam com ressalvas e críticas a esses itens. Em virtude dessas características, entende-se que o fator *Disciplina* tenha sido configurado por práticas mais voltadas ao castigo, do que à orientação sobre normas e condutas sociais. Aparentemente, esse papel foi cumprido pelo fator *Apresentação*, que contempla interações de ensino e aprendizagem, tais como “ensinar a cumprimentar e agradecer”, “ensinar a comportar-se fora de casa” e “dormir sempre nas mesmas hora”. Talvez seja esse o motivo do fator *Apresentação* ter recebido média de concordância tão expressiva (4,33, em uma escala de 5 pontos), enquanto o fator *Disciplina* teve média de valorização de apenas 2,63 pontos.

Um ponto de divergência nos dados obtidos se encontra da correlação negativa entre as metas de bom comportamento e as práticas de apresentação apropriada da criança no ambiente social. Com base no conceito dessas categorias, era esperado que houvesse uma correlação significativa, porém que fosse positiva. Mediante os dados coletados na presente pesquisa, não foi possível identificar um argumento lógico ou um dado de literatura que sustentasse tal resultado. Talvez exista alguma variável, não contemplada pelo pesquisador, que possa explicar com propriedade essa correlação teoricamente incoerente. Futuros estudos podem buscar esclarecer esse ponto obscuro, e colaborar com o entendimento desse problema.

Enfim, em caráter de síntese, os resultados principais dos dados apresentados até o momento denotam que as mães pesquisadas compartilham metas de socialização infantil, apesar das características sociodemográficas diferentes, predominando as metas de orientação sociocêntrica, mesmo que as individualistas também sejam expressivas. As participantes, de um modo geral, têm como metas principais para o futuro de suas crianças o desenvolvimento de características referentes ao cumprimento das

expectativas sociais, com ênfase na manutenção dos valores sociais, e de metas relacionadas ao desenvolvimento do potencial pessoal e econômico. Num campo intermediário das expectativas maternas, ficaram as metas de bom comportamento. Entre as menos citadas estão as de emotividade e autocontrole. Aparentemente o desenvolvimento de calor emocional com as pessoas em geral e com a família, e o controle de impulsos negativos não é intenso no imaginário das mães pesquisadas.

Em relação às práticas de cuidado parental foi verificado que a escolaridade tem papel decisivo na valorização dos tipos de comportamento que as mães devem empregar na criação de seus filhos. Quanto mais escolarizada a mãe, mais ela valoriza a estimulação cognitiva e motora da criança. Em contrapartida, quanto menos escolarizadas, prevalecem os comportamentos que estimulam a apresentação apropriada da criança no ambiente social. Além disso, foi constatada a relação entre metas e práticas sendo que quanto mais metas voltadas ao controle emocional, mais as mães valorizam práticas que estimulem a apresentação adequada dos filhos, o estabelecimento de vínculo positivo com os integrantes da família e a manutenção do controle rígido do comportamento da criança.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, os principais resultados apresentados na presente pesquisa ajudam na compreensão das crenças maternas sobre práticas de cuidado parental e metas de socialização. Os dados mostram a importância da escolaridade materna, “variável comprovadamente associada ao conhecimento que as mães possuem sobre desenvolvimento infantil” (Seidl de Moura et al, 2004, p. 427). O conhecimento que as mães têm sobre os aspectos envolvidos na criação de um filho tem impacto decisivo sobre os processos de desenvolvimento infantil. Torna-se fundamental, portanto, como base nesse tipo de dado, priorizar e ampliar as oportunidades de educação para mulheres e mães. A participação do psicólogo, e outros profissionais da saúde, nas comunidades, instruindo a população sobre diferentes formas de lidar com o contexto em que as crianças são criadas, se faz cada vez mais necessária. Ao se desenvolver e implementar políticas públicas de atendimento às mães e aos seus filhos, é possível que se consiga diminuir o efeito negativo da baixa escolaridade sobre as representações maternas a respeito do desenvolvimento infantil, fornecendo às mães oportunidades de ampliar suas estratégias de ação.

Nesse sentido, na tentativa de ampliar o conhecimento sobre o desenvolvimento humano e das intrínsecas relações que se dão no âmbito familiar, destaca-se a importância do desenvolvimento teórico da psicologia evolucionista e a necessidade de averiguar aspectos da filogênese no comportamento parental e a força destas no contexto histórico atual. As diferentes modalidades de interação social entre os progenitores e a criança têm sido consideradas como um relevante mediador de papéis e valores dentro da família (Kreppner, 2000).

As características da relação que os cuidadores estabelecem com a criança e quais os aspectos são mais valorizados por eles para promover seu desenvolvimento, precisam continuar a serem estudadas. Nesse sentido, fica a proposta de novos estudos sobre o sistema de crenças parentais, em diferentes contextos, incluindo a figura paterna como um das variáveis do desenvolvimento infantil.

8 REFERÊNCIAS

- Alcock, J. (1998). *Animal Behavior: An evolutionary Approach*. Massachusetts: Sinauer Associates.
- Bacus, A. (1991). *Votre bébé de 1 jour à 1 an: Le livre de bord de la jeune maman*. Alleux, Belgium: Marabout.
- Bastos, A. C. (2001). *Modos de partilhar: a criança e o cotidiano da família*. Salvador: Cabral Editora Universitária.
- Biasolli-Alves, Z.M.M. (1997). Famílias brasileiras do Século XX: Os valores e as práticas da educação da criança. *Temas em Psicologia*, 3, 33-40.
- Benasich, A. A. & Brooks-Gunn, J. (1996). Maternal attitudes and knowledge of child-rearing: associations with family and child outcomes. *Child Development*, 67, 1186-1205.
- Bisquerra, R., Sarriera, J. C., Martinez, F. (2004) *Introdução à estatística: enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed.
- Bjorklund, D. F. (1997). The role of immaturity in human development. *Psychology Bulletin*, 122 (2), 153-169.
- Bjorklund, D. F. & Pellegrini, A. D. (1997). Evolutionary Perspectives on Social Development. In: P. K. Smith & C. Hart (org.). *Handbook of Social Developments*. Blackwell.
- Bjorklund, D. F. & Pellegrini, A. D. (2000). Child development and evolutionary psychology. *Child Development*, 71, 1687-1708.
- Bornstein, M. H., Hahn, C. -S., Suwalsky, J. T. D., & Haynes, O. M. (2003). The Hollingshead four-factor index of social status and the socioeconomic index of occupations. In M. H. Bornstein & R. H. Bradley (Orgs.), *Socioeconomic status, parenting, and child development* (pp. 29-81). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum.

- Brown, R. E. (1998). Hormônios e comportamento parental. In: M. J. R. P. Costa & V. U. Cromberg (Orgs). *Comportamento materno em mamíferos* (pp. 53-99). São Paulo: Sociedade Brasileira de Etologia.
- Buss, D. M. (1991). The psychology evolutionary of the personality. *Annual Review of Psychology*, 42, 459-491.
- Carvalho, A. M. (2000). Fatores contextuais na emergência do comportamento de cuidado entre crianças. *Psicológica*, 16, 5 – 18.
- Catell, R.B. (1966). The scree test for the number of factors. *Multivariate Behavioral Research*, 1, 141–161.
- Cheah, C.S.L. & Rubin, K.H. (2003). European American mothers and Mainland Chinese mothers' socialization beliefs regarding preschoolers' social skills. *Parenting, Science and Practice*, 2, 1-21.
- Clutton-Brock, T. (1991) *The Evolution of Parental Care*. New Jersey: Princeton University Press.
- Cole, M. (1996). *Cultural psychology: A once and future discipline*. Cambridge, MA: The Belknac Press of Harvard University Press.
- Darwin, C. (1995). *A Origem das Espécies e a Seleção Natural*. Curitiba: Hemus.
- David, M. (1994). *L'enfant de 0 a` 2 ans: Vie affective et proble`mes familiaux*. Enfances/ Initiation. Toulouse, France: Privat.
- Davis, J. N. & Daly, M. (1997). Evolutionary theory and the human family. *The Quarterly Review of Biology*, 72, 407-435.
- Daniel, W. W. (1981) *Estatística con aplicaciones a las ciencias sociales y la educacion*. Bogotá: McGraw-Hill
- Easterbrooks, M.A., & Goldberg, W.A. (1984). Toddler development in the family: Impact of father involvement and parenting characteristics. *Child Development*, 55, 740–752.

Field, T.M., Widmayer, S.M., Stringer, S., & Ignatoff, E. (1980). Teenage, lowclass, Black mothers and their preterm infants: An intervention and development follow-up. *Child Development*, 51, 426–436.

Geary, D. C.; Flinn, M. V. (2001). Evolution of human parental behavior and human family. *Parenting: Science and Practice*, 1, (1/2), 5-61.

Gil, A. C (1991). *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Goodnow, J. J. (1988). Parents' ideas, actions, and feelings: models and methods from developmental and social psychology. *Child Development*, 59, 286-320.

Gould, S. J. (1997). Três aspectos da evolução. In: J. Brockman & K. Matson (org.). *As Coisas são Assim: pequeno repertório científico do mundo que nos cerca* (pp. 95-100). São Paulo: Companhia das Letras.

Gould, S. J. (1999). Evolução humana. In: *Darwin e os Grandes Enigmas da Vida*. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 274p.

Harkness, S. & Super, C. M. (1992). Parental ethnotheories in action. In: I. E. Sigel; A. V. McGillicuddy-Delise & J. J. Goodnow (Org.). *Parental Belief Systems: The Psychology Consequences for Children*. (pp. 373-391). Hillsdale, New Jersey e Hove, UK: Lawrence Erlbaum.

Harkness, S., & Super, C. M. (1994). Developmental niche: a theoretical framework for analyzing the household production of health. *Social Science and Medicine*, 38, 219-226.

Harkness, S., & Super, C. M. (1996). (Orgs.), *Parents' cultural belief systems: their origins, expressions, and consequences*. Nova York: Guilford.

Harkness, S., Supper, C., Axia, V., Eliaz, A., Palácios, J., & Welles-Nyström, B. (2001). Cultural pathways to successful parenting. *International Society for the Study of Behavior Development Newsletter*, 1(38), 9- 13.

Harwood, R. L., Schoelmerich, A., Ventura-Cook, E., Schulze, P. A., & Wilson, A. (1996). Culture and class influences on Anglo and Puerto Rican mothers' beliefs

regarding long-term socialization goals and child behavior. *Child Development*, 67, 2446-2461.

Hollingshead, A. B. (1975). *For factory index of social status*. Department of sociology: Yale University (Manuscrito não publicado).

Hrdy, S. B. (2001) *Mãe Natureza: uma visão feminina da evolução - maternidade filhos e seleção natural*. Rio de Janeiro: Campus.

Keller, H.; Borke, J. & Yovsi, R. (2005) Cultural orientations and historical changes as predictors of parenting behaviour. *International Journal of Behavioral Development*, 29 (3), 229-237.

Kobarg, A. P. R. (2006). *Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC, elaborado sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Luís Vieira. Florianópolis: UFSC.

Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, (1), 11 – 22.

Lawton, J., Coleman, M., Boger, R., Pease, D., Galejs, I., Poresky, R., & Looney, E. (1983). AQ-sort assessment of parents' beliefs about parenting in six midwestern states. *Infant Mental Health Journal*, 4, 344–351.

Leyendecker, B.; Harwood, R. L.; Lamb, M. E.; Scholmerich, A. (2002). Mother's socialization goals and evaluations of desirable and undesirable everyday situations in two diverse cultural groups. *International Journal of Behavioral Development*, 26, 248–258.

Lordelo, E. da Rocha; Carvalho, A.M.A. & Koller, S. (2002). *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. São Paulo e Salvador: Casa do psicólogo e EDUFBA.

Lorenz, K. (1973) Civilização e pecado: os oito erros capitais do homem. São Paulo: Círculo do Livro.

Lorenz, K. (1995). *Os Fundamentos da Etologia*. UNESP: São Paulo.